Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quarta-feira 11.9.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 755 / € 1,50 / Diretor **Filipe Alves** Diretores Adjuntos **Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino**

RITA ALARCÃO JÚDICE
“Vimos desleixo, facilidade, irresponsabilidade e falta de comando”
PÁGS. 4-5

GERARDO SANTOS

FUGA DE VALE DE JUDEUS

Presos fugiram um minuto após substituição de guarda

EXCLUSIVO A fuga dos cinco reclusos da prisão de Vale de Judeus demorou seis minutos e durante esse tempo esteve um guarda, acabado de entrar ao serviço, a observar todas as câmaras. A revelação consta do relatório que foi entregue à ministra da Justiça, apurou o DN. Terá havido cumplicidade por parte de reclusos que meia-hora antes da fuga estenderam roupa em determinados locais para dificultar visibilidade. PÁG. 3

OE2025
PSD passa “a bola” para o lado do PS. Socialistas prometem entregar propostas
PÁGS. 6-7

Educação
Falta de professores: Portugal precisa de formar mais do dobro de docentes
PÁG. 9

Controlo de fronteiras
Portugueses vão precisar de autorização eletrónica para ir ao Reino Unido
PÁG. 14

EUA
11 de Setembro continua na memória dos americanos, mas é longe da união de 2001 que hoje o assinalam
PÁGS. 18-19

Retornados
“Chamavam-me preta e diziam-me ‘vai para a tua terra’”
PÁGS. 12-13

Concerto
António Chainho despede-se dos palcos, com um abraço à guitarra
PÁG. 26

Cinema
Como Rodrigo Areias se apaixonou pela beleza severa da Ria
PÁGS. 24-25

Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

A ameaça jihadista anda por aí

O 11 de Setembro continua a ser o atentado terrorista mais mortífero da História. Quase 3000 mortos nos ataques de 2001 a Nova Iorque e Washington com aviões civis desviados pela Al-Qaeda. Entre as vítimas, grande maioria de americanos, claro, mas também cidadãos de mais de 100 países: dezenas de britânicos, de dominicanos, de indianos, de coreanos, de canadianos, de japoneses… também sete portugueses ou lusodescendentes, que na sua edição desta semana o *Portuguese Times*, jornal em português publicado em New Bedford, relembra: António Augusto Tomé da Rocha, José Alberto Fonseca Aguiar, Manuel da Mota, António José Rodrigues, Leah Oliver, Christopher de Mello e Dorothy Araújo. Os primeiros cinco estavam nas Torres Gémeas, os outros dois num dos aviões desviados pelos jihadistas.

Nova Iorque, onde morreu mais gente, foi escolhida pela Al-Qaeda pela dupla condição de grande metrópole americana e de capital oficiosa do mundo. Em nenhuma outra cidade seria provável um ataque terrorista matar gente tão diversa, e nos dias seguintes os jornais encheram as suas páginas com - além da especulação sobre a inevitável resposta americana - histórias pessoais, de vidas acabadas precocemente, com as quais grande parte do mundo não teve dificuldade em identificar-se. Alguns exemplos? O diário *Le Monde*, num editorial de Jean-Marie Colombani, proclamava "*Nous sommes tous Américains*", enquanto em Teerão uma vigília noturna homenageava as vítimas do jihadismo e num estádio de futebol um minuto de silêncio foi respeitado.

O terror da Al-Qaeda, essa rede criada pelo saudita Osama bin Laden para financiar os *mujahedin* afegãos contra os soviéticos e que depois se virou contra os americanos, não só chocava o mundo, como gerava uma onda de solidariedade com os Estados Unidos. O fundamentalismo islâmico na sua versão mais extrema foi então capaz de aproximar até os russos e os chineses dos americanos, admita-se em boa parte por ser um inimigo comum aos três.

O 11 de Setembro gerou também um sentimento de unidade nos Estados Unidos. As comparações imediatas foram com Pearl Harbor, o bombardeamento japonês do Havai em 1941, tamanha a dimensão do acontecimento, sobretudo num país raramente atacado no seu território. Os americanos decidiram fazer justiça à palavra União, sinónimo do país, o mesmo conceito pelo qual Abraham Lincoln fez a Guerra Civil. Foi, de facto, um momento de grande unidade. O presidente George W. Bush viu a sua popularidade disparar, ao ponto de ficar esquecida a polémica que rodeou a sua eleição em 2000, com a vitória sobre Al Gore a ser decretada pelo Supremo Tribunal após contagens e recontagens de votos na Florida.

Passados 23 anos, o 11 de Setembro continua na memória, mesmo se Bin Laden está morto e a Al-Qaeda pareça longe da sua força máxima e tenha até sido desafiada como líder do jihadismo global pelo Daesh. A América descobriu que não é invulnerável, mas o resto do mundo também: houve ataques terríveis, com inspiração no 11 de Setembro, em Madrid e Londres. O terror jihadista internacional também não poupou Istambul, Marraquexe ou Paris. E, ainda há meses, Moscovo sofreu um atentado que fez mais de 100 mortos, reivindicado por um ramo do Daesh. O simbolismo do 11 de Setembro é tal que Israel, depois do massacre de civis pelo Hamas a 7 de outubro, fez de imediato a analogia, relembrando que foram mais de 1000 mortos num país de dez milhões. E mesmo na campanha eleitoral americana, se – pelo menos até ao debate da madrugada entre Kamala Harris e Donald Trump – não foi tema em destaque, tem gerado polémica um acordo feito com o paquistanês Khalid Sheik Mohammed para prisão perpétua em vez do julgamento que pode dar pena de morte. "Precisamos de um presidente que mate terroristas e não que negoceie com eles", disse J.D. Vance, o candidato a vice com Trump, referindo-se ao cérebro do 11 de Setembro, preso em Guantánamo, e cujo destino legal está a ser gerido pela Administração Joe Biden, o presidente que decidiu não se recandidatar e apoiou Harris.

A América está dividida. Trump derrotou Hillary Clinton em 2016 já num contexto de grande fricção na sociedade americana. E a eleição de Biden em 2020 frente a Trump foi tão disputada que tanto o vencedor como o vencido bateram recordes de votos. O mundo também está mais dividido, com a invasão russa da Ucrânia a pôr as relações entre Washington e Moscovo em mínimos históricos desde o fim da Guerra Fria, ao mesmo tempo que cresce a tensão entre os Estados Unidos e a China. As intervenções americanas no Afeganistão e no Iraque, falhadas em muitos aspetos, pertencem estranhamente já ao passado.

Porém, mesmo que o terrorismo islâmico pareça longe das principais preocupações tanto dos americanos como dos líderes das grandes potências, seria um erro desprezar a ameaça. O jihadismo global já provou, via Al-Qaeda ou Daesh, que tem um potencial destrutivo enorme. E nenhum país se pode considerar a salvo. No 11 de Setembro morreram portugueses. Noutros atentados, como o do Bataclan, em Paris, igualmente. Nunca esquecer que há 23 anos a América foi o alvo, mas o mundo também.

OS NÚMEROS DO DIA

0,02%

DE DEFLAÇÃO
foi registada no Brasil em agosto, a primeira queda observada nos preços praticados no país desde junho de 2023, quando houve uma deflação de 0,08%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

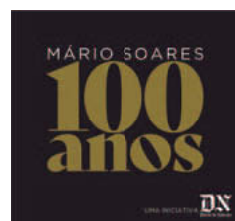
30

POR CENTO
dos alunos de Lisboa, Setúbal ou Faro "nunca chegaram ao Ensino Superior". alertou ontem o ministro da Educação, referindo-se a algumas "desigualdades territoriais no acesso à Educação".

20

AVIÕES
foram divergidos de Lisboa para Faro porque o Aeroporto de Lisboa esteve meia-hora sem voos devido a um incêndio, ontem, em Loures. O espaço aéreo foi usado pelos meios de combate.

23

MÉDICOS
foram colocados na Unidade Local de Saúde da Região de Leiria (ULSRL) no âmbito dos três concursos lançados em agosto para contratar um total de 84 médicos, revelou ontem à Lusa aquela entidade.

11.9.2024

Direção: Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Telles, Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Filipa Rodrigues e João Coelho **Dinheiro Vivo** Filipe Alves (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves ***E-mail* geral da redação** dnot@dn.pt ***E-mail* geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em *www.dn.pt*. Tiragem média de fevereiro 2024: 6 084 exps.

CARLOS BARROSO / LUSA

Fuga teve início um minuto depois da rendição do guarda da sala de videovigilância

VALE DE JUDEUS A fuga demorou seis minutos a decorrer e durante esse tempo esteve um guarda, acabado de entrar ao serviço, a observar todas as câmaras, nenhuma delas avariada, segundo o relatório entregue à ministra da Justiça.

TEXTO **VALENTINA MARCELINO**

Um minuto antes de ter início a operação de fuga dos cinco reclusos que cumpriam pena na cadeia de Vale de Judeus, um novo guarda rendeu o seu colega na sala de videovigilância, sabe o DN. Esta será uma das informações factuais que consta do relatório da auditoria à atuação dos serviços de vigilância e segurança, elaborado pela Divisão de Serviços de Segurança da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), entregue ontem à ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice.

Tendo em conta a informação prestada pela governante em conferência de imprensa, a fuga começou às 9.55 "com a intrusão de três indivíduos no perímetro externo do estabelecimento prisional". A mudança de turno terá tido lugar pelas 9.54 e o momento está captado pelas câmaras de videovigilância. Tendo ainda em conta a linha de tempo apresentada por Rita Júdice (*ver caixa ao lado*), "a evasão dos reclusos teve início às 9.57", tendo o último deles passado "a vedação exterior do estabelecimento prisional às 10.01".

Assim, detalhou a governante, "segundo este relatório, a evasão demorou seis minutos". Isto quer dizer que durante esses seis minutos, com as câmaras todas a funcionar (ainda de acordo com Júdice o "sistema de videovigilância estava operacional e a funcionar" e o guarda responsável pela monitorização das imagens "estava no seu posto"), as imagens das movimentações para a evasão, que incluíram a colocação de duas escadas (uma no interior do muro, outra para o seu exterior), estariam perante um guarda que tinha acabado de entrar ao serviço, que ou não estava atento, ou acompanhou em direto toda a evasão sem dar o alerta.

Isto porque toda a operação de fuga foi captada pelas câmaras de videovigilância, permitindo uma reconstituição ao pormenor de todo o processo.

Cumplicidade de reclusos?

O Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus tem cerca de 190 câmaras que cobrem, sem ângulos mortos, todo o perímetro exterior e o pátio onde se encontravam os presos e por onde passaram Fernando Ribeiro Ferreira e Fábio Fernandes Santos Loureiro, um cidadão da Geórgia, Shergili Farjiani, um da Argentina, Rodolf José Lohrmann, e um do Reino Unido, Mark Cameron Roscaleer, com idades entre os 33 e os 61 anos, condenados a penas entre os sete e os 25 anos de prisão, por vários crimes, entre os quais tráfico de droga, associação criminosa, roubo, sequestro e branqueamento de capitais.

Fontes que acompanharam o inquérito disseram ao DN que há registos de algumas movimentações, que deveriam ter sido consideradas suspeitas, cerca de meia-hora antes de ter início a fuga. Houve vários reclusos que começaram a estender roupa em pontos que se viriam a revelar fundamentais para ocultar o percurso dos evadidos – quatro estavam juntos num pavilhão.

A potencial cumplicidade de outros reclusos não terá ficado por aqui. Foi também captada a imagem de um deles a colocar uma caixa perto do muro, que foi depois utilizada pelo fugitivos para transpor um dos muros interiores.

Outra constatação foi que estariam guardas a mais a vigiar a sala de visitas, que decorriam aquela hora, bem como câmaras direcionadas para esse local que podiam estar focadas também no pátio exterior. Recorde-se ainda que, segundo o *Relatório de Atividades da DGRSP* de 2022, no ano anterior tinha sido "concluída a remodelação/ampliação do sistema de CCTV".

Ficou ainda clara, na comunicação de Rita Júdice, a demora excessiva, que o DN já tinha noticiado, no alerta quer na própria prisão, quer às forças de segurança. Demorou 65 minutos entre a fuga ter início e a sua deteção (pelas 11.00 horas) através de um guarda que circulava no exterior e deparou com as escadas encostadas ao muro. Demorou 83 minutos até a GNR ser alertada e, apesar de ser obrigatório alertar em simultâneo a Polícia Judiciária, esta só terá sido informada perto das 12.30 – duas horas e meia depois – dando por certa a informação revelada pela própria ministra de que tinha sido esse o momento em que os seus "serviços" foram informados.

"Desleixo, facilidade, irresponsabilidade e falta de comando" foram as expressões que Rita Júdice utilizou para caracterizar o sucedido.

CRONOLOGIA DA FUGA

9.55 Três indivíduos chegaram ao perímetro externo da prisão.

9.57 Início da evasão.

10.01 O último recluso ultrapassou a vedação exterior, com duração total de fuga de seis minutos.

11.00 A fuga foi detetada por dois guardas "quase em simultâneo".

11.04 a 11.08 Alerta dado a toda a corporação

11.10 Diretor da prisão do Vale de Judeus é informado

11.18 Alerta dado à GNR

11.19 Informada a DGRSP

12.00 horas Diretor do estabelecimento prisional confirma à DGRSP a fuga e a identidade dos cinco reclusos

FUGA DE PRESOS

Figuras do PSD dizem que ministra tardou a falar, mas não tem culpa do "colapso"

SILÊNCIO Rita Alarcão Júdice demorou três dias a reagir publicamente, "demasiado" tempo para alguns sociais-democratas. "Falar por falar não é do meu timbre", justificou-se, ao aceitar a demissão do diretor-geral.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

GERARDO SANTOS

A demora de mais de três dias na intervenção da ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, que só reagiu ao final da tarde de ontem à fuga de cinco reclusos perigosos do Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus, na manhã de sábado, não põe em causa a sua permanência no Governo e não abalou a confiança do primeiro-ministro Luís Montenegro. Mas destacados sociais-democratas ouvidos pelo DN admitem que a governante, que horas antes da conferência de imprensa aceitou o pedido de demissão do diretor-geral de Reinserção e Serviços Prisionais, Rui Abrunhosa Gonçalves, errou ao manter-se em silêncio demasiado tempo, acabando por se fragilizar a si e à atribuição de culpas pela ausência de condições de segurança nas prisões portuguesas às antecessoras, titulares dessa pasta nos Governos socialistas de António Costa, Francisca Van Dunem e Catarina Sarmento e Castro.

Para o jurista e ex-deputado André Coelho Lima, o facto de Rita Alarcão Júdice ter optado por se inteirar das circunstâncias da fuga – "falar por falar não é do meu timbre", disse ontem, numa conferência de imprensa (*ver texto ao lado*), preferindo "dar espaço à investigação" e "não contribuir para o ruído de fundo" –, analisando o relatório preliminar que lhe foi entregue ontem pela Divisão de Segurança da DGRSP, "é atendível e razoável, mas não suficiente para justificar um silêncio de tantos dias".

Para o antigo vice-presidente do PSD, que integrou o Conselho Superior de Segurança Interna e coordenou a área na Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais, "uma palavra da ministra, nem que fosse para dizer que se estava a inteirar", teria o condão de "tranquilizar os portugueses", sem afetar a investigação em curso. "Era uma questão de natureza política e comunicacional, até para proteção da própria ministra", conclui.

Por seu lado, o também advogado e ex-deputado social-democrata André Pardal, mesmo realçando que a responsabilidade política da atual ministra na fuga de Vale de Judeus "é diminuta ou quase zero", lamenta que a primeira conferência de imprensa, na manhã de domingo, tenha sido protagonizada por pessoas sem responsabilidades políticas, como Abrunhosa Gonçalves e o diretor nacional da Polícia Judiciária (PJ), Luís Neves.

> André Coelho Lima diz que esperar pelo relatório preliminar "é atendível e razoável, mas não suficiente para justificar um silêncio de tantos dias".

Para o também conselheiro nacional do PSD, perante mais um sinal de "colapso da soberania do Estado" – após o assalto à Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna e, na sequência do caso dos Paióis de Tancos, em 2017 –, que desta vez teve "repercussões internacionais" por haver um argentino, um britânico e um georgiano entre os cinco fugitivos, verifica-se uma falha na demora na substituição definitiva do secretário-geral do Sistema de Segurança Interna e do diretor nacional da PJ, em gestão corrente desde há três meses. "Um Governo tão lesto a mudar – e bem – os responsáveis de outras áreas, nesta área não mexe. Estamos a brincar com a Segurança Nacional", sustenta, criticando que o primeiro governante a falar da fuga tenha sido o ministro da Presidência, António Leitão Amaro.

Mais compreensivo com a gestão política do caso, o histórico social-democrata Ângelo Correia, antigo ministro da Administração Interna, admitiu ao DN, antes da conferência de imprensa de ontem, que a ministra não teria feito mal ao não responder imediatamente na condição de que a resposta, passados três dias, fosse "conclusiva". "Se falasse de imediato, só repetiria o que os outros disseram", defende, classificando a atuação de "prudente, responsável e aceitável".

"Motivos ideológicos" do PS

Todos os sociais-democratas ouvidos pelo DN convergiram no ponto de as responsabilidades políticas pelo que aconteceu em Vale de Judeus, em Alcoentre, a 70 quilómetros de Lisboa, não poderem ser assacadas à atual ministra, e sim ao desinvestimento na área decidido pelas antecessoras, num cenário "conhecido por todos os partidos políticos", afirma Coelho Lima, com Ângelo Correia a admitir que, no limite, a situação nem sequer é da responsabilidade do até agora diretor-geral, Abrunhosa Gonçalves.

Também muito criticada pelo antigo ministro da Administração Interna, não obstante ter sido concretizada pelo Governo de Passos Coelho, é a "junção errada" das áreas da Reinserção Social e das Prisões. Algo que é reforçado por André Pardal, para quem a "procuradora-geral [Francisca Van Dunem] e a inexistência [Catarina Sarmento e Castro]" que estiveram no Ministério da Justiça antes de Rita Alarcão Júdice, "por motivos ideológicos" contribuíram para a preponderância da reinserção social sobre a função prisional. E a segurança foi "ultrapassada por outras prioridades", numa espiral de desinvestimento.

A própria ministra da Justiça abordou ontem o tema, dizendo que o Governo se deparou com uma situação negativa, o que levou a deputada socialista Isabel Moreira a contrapor, numa reação à conferência de imprensa, que os argumentos apresentados minutos antes por Rita Alarcão Júdice "parecem contraditórios com considerações sobre alocação de meios e responsabilidades passadas".

Rita Alarcão Júdice anunciou auditoria às condições de segurança nas prisões portuguesas.

Situação é uma fragilidade da gestão anterior, diz ministra

RESPONSABILIDADES Rita Júdice afirma que Governo assume responsabilidades, mas também critica os do PS.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Rita Júdice, ministra da Justiça, afirma que o Governo rompeu o silêncio e assumiu a responsabilidade do atual Governo pela fuga dos cinco detidos do Vale dos Judeus, mas não afasta culpas ao Partido Socialista (PS). "A situação em que se encontrava o Ministério da Justiça após a nossa posse foi profundamente complicada, foi muito para além das dificuldades imagináveis. Esta situação do Estabelecimento Prisional de Vale dos Judeus vai também por aí, algumas dessas fragilidades", disse em conferência de imprensa na tarde de ontem.

Foram as primeiras declarações da ministra após o acontecido, que justificou a demora pela "gravidade" do assunto e a necessidade de reunir toda a informação necessária para prestar esclarecimentos.

Sobre possíveis erros da gestão anterior, ressaltou que prefere "olhar para o futuro" e que será dada "prioridade extrema" para a segurança das prisões no país. Já foi determinada uma auditoria completa, com inclusão de todos os sistemas de videovigilância. Há o compromisso de entregar o relatório até o final deste ano.

Outra auditoria, de gestão ao Sistema Prisional, vai avaliar a organização e afetação de recursos da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) e de todos os estabelecimentos prisionais.

Culpabilização

Rita Júdice referiu que "não hesitará" em dar impulso a processos disciplinares ou penais "que se revelem necessários". Várias investigações estão em andamento para descobrir as falhas que ocasionaram a fuga. Já se sabe que, na hora do crime, o sistema de câmaras estava a funcionar e o profissional responsável pela monitorização estava no posto. As demais conclusões do relatório preliminar vão permanecer em sigilo.

Pela manhã, a ministra aceitou a demissão do então diretor-geral Rui Abrunhosa Gonçalves e de João Henriques d' Oliveira Cóias, subdiretor com o pelouro dos Estabelecimentos Prisionais.

O Governo nomeou Isabel Leitão, subdiretora-Geral da DGRSP para assumir funções. Maria Clara Figueiredo, secretária de Estado-Adjunta e da Justiça que estava ao lado da ministra na conferência de imprensa, disse aos jornalistas que a nomeação de um novo diretor será feita "com calma".

amanda.lima@dn.pt

Cinco fugitivos sem rasto desde domingo

Fábio Loureiro, de 34 anos, conhecido no mundo do crime por Fábio "Cigano", cresceu no Poço Partido, uma localidade situada à saída da Praia do Carvoeiro, no concelho algarvio de Lagoa, que foi palco dos seus primeiros embates com as forças da autoridade. Cumpria uma pena de 25 anos, cúmulo jurídico de vários crimes, incluindo tráfico de droga, associação criminosa e furto qualificado, e também a mais prosaica condução sem habilitação legal. Entre outras armas, tinha uma metralhadora.

O beirão **Fernando Ferreira**, de 63 anos, raptou e torturou, com recurso a alicates, um empresário em 2012, por quem o seu bando, alcunhado de "Os Mosqueteiros", chegou a exigir um resgate de 20 milhões de euros. Capturado quando levou a vítima a uma agência bancária, foi condenado a 11 anos de prisão. No entanto, antecedentes criminais que incluíam assaltos à mão armada em supermercados e ourivesarias da região Centro, levaram a que cumprisse a pena máxima de 25 anos.

Condenado por um rapto em que colocou cabos de bateria nos genitais da sua vítima para o convencer a dizer-lhe, e ao seu cúmplice onde guardara uma grande soma de dinheiro, **Mark Roscaleer**, de 39 anos, condenado a nove anos de prisão por sequestro e roubo, já tinha protagonizado outra tentativa de fuga mediática, mas nesse caso infrutífera. O britânico tentou escapar da sua cela em Lisboa, quando aguardava julgamento, espalhando óleo de massagens no corpo para tentar passar pelas grades.

O argentino **Rodolfo Lohrmann** foi um dos mais procurados da América Latina, sobretudo pelo envolvimento, em 2003, no rapto de um jovem de 21 anos desde então desaparecido, muito embora os pais tenham acabado por pagar um resgate de valor equivalente a 250 mil euros. Esteve longe de ser o único crime de que é suspeito 'El Ruso', que cumpria 18 anos e 10 meses de pena em Vale de Judeus, por assaltos a bancos, após ser transferido da prisão de alta segurança de Monsanto.

O georgiano **Shergili Farjiani**, de 40 anos, condenado a sete anos por furto e falsificação de documento, tem um longo e problemático historial enquanto recluso, somando quatro dezenas de infrações disciplinares por motivos que vão desde as ameaças e agressões a outros reclusos até à posse de objetos proibidos. Residente em Vila Nova de Gaia, foi transferido do Porto para Vale de Judeus, onde já fez greve de fome e foi confinado em cela disciplinar por diversas vezes.

"Neste momento, há disponibilidade para o diálogo e para perceber que medidas é que podem ou não ser acolhidas no Orçamento."

Inês Sousa Real
Porta-voz e deputada do PAN

"No quadro orçamental, como ele existe agora, a distância do Livre em relação ao Governo é de polos opostos."

Rui Tavares
Porta-voz do Livre

"Somos oposição a este Governo, somos oposição a este Orçamento (...) que reflete um programa ideológico do PSD."

Mariana Mortágua
Coordenadora do BE

"Não temos qualquer negociação com o Governo (...) OE vai prosseguir um caminho de desigualdade, de favorecimento dos grandes interesses."

Paula Santos
Líder parlamentar do PCP

PSD passa "a bola" para "o lado do PS". Socialistas prometem entregar propostas

OE2025 O que mudou depois das reuniões de ontem? Quase nada. PS, PAN, Livre e IL admitem viabilizar o Orçamento. BE e PCP recusam apoiar um "Governo de direita". Chega reformula discurso e já diz que será "muito difícil" aprovar. Economistas analisam no DN os "riscos" do cenário macroeconómico revelado pelo Executivo de Montenegro.

TEXTO **ARTUR CASSIANO** E **NUNO VINHA**

"A bola" mudou de mão. Estava no Governo, que não tinha facultado a informação pedida pelos socialistas, mas agora "está do lado do PS", que pediu tempo para analisar o cenário macroeconómico entregue na reunião de ontem à tarde.

O PS, disse o ministro dos Assuntos Parlamentares, pediu "36, 48 horas" para análise da informação recebida, sendo que "haverá um contacto da nossa parte até ao final da semana" para decidir os próximos passos na negociação.

Pedro Duarte revelou que o Governo recolheu já "um conjunto muito significativo de sugestões, de propostas, de medidas por parte dos diferentes grupos parlamentares", à exceção do PS, que pediu mais alguns dias "para poderem preparar as suas medidas e podê-las apresentar ao Governo (…). Eu diria que, nesta altura, a bola está do lado do PS".

O Governo, disse o ministro, vê como "sinal positivo" a "vontade do PS de querer estudar os números, refletir melhor para poder apresentar as propostas e soluções construtivas a bem do país". E isso, acrescentou, "deve deixar-nos a todos, no país, otimistas de que haverá sentido de responsabilidade e haverá sentido construtivo da parte do PS para poder juntar-se a esta abertura que o Governo tem", afirmou.

O Governo vai aguardar, porque é preciso "dar espaço para o PS apresentar as suas medidas no momento que considerar adequado, até para se "perceber como vai continuar o processo negocial".

O que mudou com esta segunda reunião? Aparentemente "quase nada", refere ao DN fonte social-democrata, em relação ao que se conhecia. E no PS? A resposta é igual com um acrescento: "Agora é tempo de Pedro Nuno Santos, que tem a bola do seu lado, cumprir a garantia de querer um Orçamento equilibrado, mas com medidas que tenham cabimento orçamental."

Os disponíveis

Os socialistas, insistiu Alexandra Leitão, estão "totalmente disponíveis" para negociações no "calendário e no formato" que o Governo decidir.

A líder parlamentar do PS, que falou de uma reunião "cordata e cordial", afirmou que, após a análise que o partido vai fazer da "informação" que tinha pedido, "muito em breve" estarão "disponíveis para continuar as negociações com o Governo".

Porém, sublinhou, "se tivéssemos obtido esta informação mais cedo já a teríamos analisado e, se calhar, hoje [ontem] teríamos avançado. Assim, como só obtivemos agora, precisamos de a ir analisar".

A Iniciativa Liberal mantém a ameaça de votar contra – se o Orçamento do Estado for "desvirtuado" pelo PS –, mas admite a viabilização, por exemplo, se houver redução de carga fiscal e "alterações" no IRC.

O deputado Bernardo Blanco diz que o Governo lhe garantiu não pretender subir a carga fiscal, salientado, no entanto, que preferia uma "efetiva descida substancial da carga fiscal", mas "pelo menos", admitiu, "é uma pequena melhoria em relação à prática socialista de recordes nos últimos anos".

Qual é o impasse? IRS Jovem e IRC. "Se o Governo ceder nestas descidas de impostos, em contrapartida por uma mão de Pedro Nuno Santos, nós não poderemos acompanhar, porque não achamos que se possa vender os princípios e os valores que foram prometidos aos portugueses por uma viabilização do lado do PS", garantiu o deputado.

Hugo Soares, líder parlamentar do PSD, já admitiu uma "modelação no IRC" – que não explicou –, mas também disse que "talvez" seja difícil ao Governo abdicar do IRS Jovem.

Rui Tavares, que agora diz existir uma "distância do Livre em relação ao Governo" que "é de polos opostos (…) no quadro orçamental, como ele existe agora", admite que em outubro, na nova ronda de negociações, haja respostas positivas às medidas do seu partido, como a criação de uma herança social, o aumento do Abono de Família e a criação de uma conta poupança para cada bebé que nasça.

Reunião entre delegação do Governo e do PS foi "cordata e cordial", considerou a líder parlamentar do PS.

Para o porta-voz do Livre só há dois cenários. O primeiro é o Governo conseguir "um acordo orçamental com um parceiro que tenha os deputados que lhe fazem falta e, nesse acordo orçamental, tem de aprovar medidas desse parceiro orçamental e rejeitar as medidas dos outros".

O segundo é, acredita, "um cenário em que a discussão do Orçamento na especialidade é muito mais aberta e em que o Orçamento que sai deste Parlamento numa votação final global é um documento muito diferente do que estará a ser entregue pelo Governo como proposta de Orçamento" – neste cenário, a aprovação na generalidade, significa inevitavelmente que ou PS ou Chega viabilizaram na generalidade o Orçamento do Estado.

Inês Sousa Real, que tornou públicos os dados do cenário macroeconómico do Governo – excedente de 500 milhões de euros (valor a rondar os 0,2% e os 0,3%

ÁLVARO ISIDORO

do PIB) , crescimento entre 2% e 3% e dívida em 96% do PIB – revelou que existe, da parte do Governo, "disponibilidade para o diálogo e para perceber que medidas [do PAN] é que podem ou não ser acolhidas no Orçamento".

"Aquilo que nos foi transmitido é que, neste momento, não existe uma perspetiva nem de crescimento, nem do ponto de vista do défice. Existe sim um *superavit* que se continua a manter: não é de mil milhões de euros, como tínhamos, por força das medidas que têm sido aprovadas, mas existe a possibilidade de acomodar medidas", concretizou.

O *nim*

Por antecipação – o encontro com o Governo é só amanhã –, André Ventura já reformulou o aviso de votar contra. "Com o entendimento entre o Governo e o PS? Eu diria que sim, é irrevogável." E ao "diria que sim" acrescentou um "teoricamente", um "muito difícil" e um "ego de políticos".

"Eu diria que seria muito, muito difícil não ser irrevogável (…). O Chega não vai deixar de apresentar propostas por estar, teoricamente, fora destas negociações. (…) para lá do ego de políticos, o país precisa de um Orçamento e pode ter um Orçamento para resolver problemas estruturais", resumiu o líder do Chega.

Próximo passo? Apresentar propostas de alteração na especialidade caso o documento seja viabilizado na generalidade.

0,3%

Previsão Governo estima excedentes orçamentais de 0,3% em 2024 e de 0,2% no próximo ano.

740

Milhões É o valor das medidas da oposição aprovadas no Parlamento – à revelia do Governo minoritário da AD.

Os indisponíveis

O BE, garante Mariana Mortágua, não precisa sequer de ver o OE2025. A decisão está tomada. Os bloquistas não vão viabilizar "um Orçamento de um Governo de direita, porque não apoia um Governo de direita" e estranham que "qualquer partido à esquerda do PSD pudesse viabilizar esta proposta (…) que reflete um programa político, um Programa de Governo, um programa ideológico do PSD, uma visão que o PSD tem para o país" – até agora essa possibilidade apenas vem, sem certezas, de PAN, Livre e PS. Apesar disto, o BE terá propostas caso o OE2025 seja viabilizado na generalidade para discussão na especialidade.

O PCP segue a mesma lógica e nem sequer dará espaço a "qualquer negociação com Governo". Conclusão ? Não será o "Orçamento que vai dar resposta aos problemas do país". E à semelhança do BE, também os comunistas prometem, assegurou Paula Santos, apresentar "soluções concretas para dar resposta aos problemas que o país tem".

… e os riscos disto tudo

O economista Miguel Coelho, professor auxiliar na Lusíada, alerta desde logo para os riscos de o crescimento da despesa primária em 2025 vir a "ser maior do que o previsto" pelo Governo, ou seja, cerca de 4%. Ao DN, o também administrador da Silvip (Sociedade Gestora de Fundos de Investimento Imobiliário) fundamenta o seu receio "tendo em consideração o conjunto de propostas que estão ser discutidas" e o facto de o processo de aprovação do OE 2025 "depender dos partidos da oposição, que poderão aprovar medidas *à la carte* que agravam despesa".

Para já, as medidas da oposição aprovadas no Parlamento – à revelia do Governo minoritário da AD – ascendem a cerca de 740 milhões de euros, de acordo com um cálculo publicado na semana passada pela Lusa. Só a redução do IRS proposta e aprovada pelo PS (com o apoio da restante esquerda e contra a iniciativa original do Executivo) representa cerca de metade deste montante.

A despesa com o aumento de pensões (1,5 mil milhões), os aumentos das forças de segurança e dos professores (240 milhões) e o IRS Jovem (ainda por aprovar e com um impacto de mil milhões) também vão pôr mais pressão sobre as contas.

Tudo isso leva Miguel Coelho a admitir "alguma incerteza sobre a concretização" de um excedente de 0,3 do PIB este ano e de 0,2% no próximo, uma vez que tal "depende da evolução das receitas fiscais e das despesas *adicionais* que serão anotadas em sede de Orçamento". Quanto ao aumento da receita fiscal, o Governo prevê entre 4% a 4,5% em cada ano, o que é consistente com "uma inflação prevista de 2% e um crescimento real do PIB de 2%". "Isto significa, no entanto, que não haverá desagravamento fiscal", conclui Miguel Coelho.

"Estamos totalmente disponíveis para continuar a negociar (...) o equilíbrio orçamental é fundamental."

Alexandra Leitão
Líder parlamentar do PS

"Nesta altura, a bola está do lado do PS, vamos dar espaço para o PS apresentar as suas medidas no momento que considerar adequado."

Pedro Duarte
Ministro dos Assuntos Parlamentares

"O Chega não vai deixar de apresentar propostas por estar, teoricamente, fora destas negociações."

André Ventura
Presidente do Chega

"Temos sempre votado a favor de descidas de impostos, mesmo que sejam graduais, porque achamos que são passos que devem ser dados."

Bernardo Blanco
Deputado da IL

Opinião
Luís Newton

A "insustentável ligeireza" socialista

Estar na política significa conviver com a diferença, mas apresentar um rumo, uma direção.

O exercício da política, enquanto tal, é em nome da resolução dos problemas dos nossos concidadãos, tudo para promover o melhor serviço público.

É por isso que não compreendo alguns, que travam batalhas políticas onde o facciosismo e o radicalismo parecem ser, cada vez mais, uma moda.

Não se aceita que o serviço público, em particular aquele que se empenha em salvar vidas humanas, possa ser campo de batalha entre diferenças ideológicas não-fundamentadas, nomeadamente a exclusão de soluções privadas, não pela racionalidade das vidas que salvam, mas porque se entende que no SNS não há lugar à presença de privados ou instituições sociais.

O anúncio das 20 Unidades de Saúde Familiar (USF) modelo C, 10 para Lisboa e Vale do Tejo, 5 para Leiria e 5 para o Algarve, são um exemplo recente dessa forma de estar.

Porém, no PS reina o caos, acossados pela luta contra o privado e a pressão pública da falta de resposta. Para o PS o importante é que os privados (esses malditos) não entrem na equação, mesmo perante a evidência de que o atual SNS está em rotura e sem capacidade para responder a todos.

Marta Temido, antiga Ministra da Saúde, sempre se opôs a contar com o setor privado. Frontalmente e sem qualquer rebuço. Já o seu sucessor, Manuel Pizarro, em novembro de 2022, tinha uma posição diferente. Admitia a criação de Unidades de Saúde Familiar modelo C, para responder à falta de médicos de família. "Num período transitório" garantia equacionar esse modelo.

E dava como bons exemplos a Via Verde do Seixal, na Margem Sul ou o *Projeto Bata Branca*, em Cascais, "modelos a replicar", garantia.

No entanto, mudou de ideias em 2023. Afinal as USF modelo C não iriam resolver o problema e até iriam criar outro: os médicos poderiam começar a deixar o SNS para integrar as USF sob gestão privada... e lá vem o papão outra vez.

Será que a esquerda não compreende que, para os portugueses, lhes é indiferente se é público, privado ou social?

No país, contra ventos e marés, serão, para já, mesmo implementadas 20 USF.

E Lisboa, sob a direção de Carlos Moedas, também não se deixou paralisar pela inconsistência socialista para o rumo do serviço público.

Reconhecendo a necessidade de suprir as insuficiências na resposta na Área da Saúde, Lisboa foi para além das suas competências, construindo soluções que servem como um complemento ao Serviço Nacional de Saúde, numa altura em que tantos não têm médico de família.

E aqui não impera qualquer deriva ideológica, impera sim a necessidade de resposta aos anseios das comunidades que servimos.

São disso exemplo a inauguração recente das duas clínicas de proximidade *Lisboa + Saúde*, no Bairro do Armador e na Alta de Lisboa, que já serviram milhares de utentes que não encontravam resposta nos centros de saúde.

E se já tanto se falou do *Plano de Saúde 65+*, porque não falar do protocolo com a Fundação Champalimaud para o rastreio gratuito do cancro da mama, o *Café Memória* em Parceria com a Santa Casa da Misericórdia e a Alzheimer Portugal, o *Projeto Cuidar em Casa*, e tantas outras iniciativas, como o apoio a amputados, a cuidadores informais, vida saudável, saúde oral.

E tudo isto foi concretizado, apesar da oposição e crítica feroz de um socialismo que na cidade de Lisboa, quer procurar bloquear e escamotear tudo o que o que Carlos Moedas tem feito.

Por isso, se para alguns socialistas a verdade de Ega os assusta, talvez a leitura de um médico, que conhecemos como destacado dirigente socialista, lhes mereça todo o respeito:

"Acho bem ir para este modelo C que ainda não estava implementado. Isto é uma grande mudança. É passar para o sistema privado e social os cuidados primários. Até agora a medicina privada era só diagnóstico e hospitais." O autor da frase? Álvaro Beleza.

Presidente da concelhia do PSD de Lisboa

Opinião
Jorge Costa Oliveira

Draghi claramente não conhece Portugal

Mais claro o *Relatório Draghi* não podia ser – "a UE deve (…) explorar o potencial dos recursos nacionais através da exploração mineira (…). Ao contrário dos combustíveis fósseis, a UE tem depósitos de algumas matérias-primas essenciais, como o lítio em Portugal. A aceleração da abertura das minas nacionais poderia permitir à UE satisfazer toda a sua procura de minérios críticos. A CRMA [Lei Europeia de Matérias-Primas Críticas] já apela aos Estados-membros para que apliquem prazos de licenciamento mais curtos a "Projetos Estratégicos": 27 meses para licenças de extração e 15 meses para processamento, em comparação com processos que levam três até cinco vezes mais tempo hoje."

O *Relatório Draghi* não veio descobrir a pólvora. Muito do que lá se encontra já estava vertido em inúmeros documentos, estudos e relatórios da UE, de que o *Critical Raw Materials for Strategic Technologies and Sectors in the EU – A Foresight Study*, de 2020, é um bom exemplo.

> "A aceleração da abertura das minas nacionais poderia permitir à UE satisfazer toda a sua procura de minérios críticos."

Não é por falta de relatórios e estudos – e legislação – que as coisas não avançam na Europa. Até a Comissão, sob a batuta do seu VP Maroš Šefcovic, ter delineado os princípios do *European Green Deal*, a UE andou a empurrar com a barriga os problemas da transição energética; a definição de políticas europeias é relativamente recente (sobretudo quando comparada com a China).

Em Portugal existem dois grandes problemas. Um reside na incompetência subjacente à definição e execução de políticas públicas. A UE demorou, mas criou dois IPCEI (Projetos Importantes de Interesse Europeu Comum) para a cadeia das baterias elétricas. Sucessivos Governos de Portugal ignoraram olimpicamente fazer parte destes IPCEI, o que excluiu empresas portuguesas de poderem ter acesso a generosas ajudas de Estado excecionais, colocando-as em desvantagem comparativa com as dos 9 países que a eles aderiram.

Isto é especialmente gravoso atenta a tradicional postura ultraprudente da banca lusa em relação a projetos industriais (por lei, a extração de lítio requer a sua transformação e esta não é viável se não for até à refinação), que é o segundo problema grave existente em Portugal. E sem mecanismos que permitam injetar capital em projetos bem delineados e com potencial, tudo se complica.

Em cima disto, temos processos de licenciamento e equiparados (EIA) infindos, os receios de alguns autarcas cobardes (quando não pior), eco-ativistas que parecem preferir a mineração feita em condições miseráveis em países em desenvolvimento, os paus na roda que aparecem praticamente ao mesmo tempo que figurões que se oferecem para agilizar os problemas.

Draghi está carregado de razão. Mas claramente não conhece o Portugal real.

Consultor financeiro e business developer
www.linkedin.com/in/jorgecostaoliveira

Os últimos anos têm sido marcados pela contestação dos professores.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Falta de professores: país precisa de formar mais do dobro de docentes

EDUCAÇÃO Nos últimos quatro anos aposentaram-se 9515 professores e formaram-se 6000. Este ano, já são mais de 3000 docentes reformados.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Formam-se cerca de 1500 novos professores por ano, um número inferior ao dos docentes aposentados nos últimos quatro anos. Rui Fonseca, diretor da Escola de Educação e Desenvolvimento Humano do ISEC Lisboa, diz não entender por que não se abrem mais vagas nos Cursos de Ensino.

Nos últimos quatro anos aposentaram-se 9515 professores e formaram-se cerca de 6000. Este ano, já são mais de 3000 os docentes reformados pela Caixa Geral de Aposentações (*ver caixa*), aos quais se somam os da Segurança Social, cujos números não são públicos. O Sistema de Ensino encontra-se com "saldo negativo" e as previsões não são animadoras até porque, o corpo docente é dos mais envelhecidos da Europa.

Luísa Loura, diretora da Pordata avançava, em 2022, números relativos às previsões de aposentação alarmantes, com uma escalada a partir de 2026.

No que se refere aos novos diplomados em Ensino, a título de exemplo, no caso da disciplina de Português para o 3.º Ciclo e Secundário, Luísa Loura afirmava existirem 10 vezes menos diplomados do que no início da década de 2000.

Rui Fonseca, diretor da Escola de Educação e Desenvolvimento Humano do ISEC Lisboa, diz não entender o não-aumento do número de vagas em cursos de formação para professores. "Não faz sentido nenhum. Tem de se aumentar o número de vagas. Enquanto não conseguirmos formar pelo menos o dobro, dificilmente resolveremos a falta de professores", explica ao DN.

Segundo o responsável, formam-se "apenas 1500 novos docentes por ano" e é, por isso, necessário abrir mais vagas e "tomar mais medidas".

"O Governo decidiu avançar com bolsas para incentivar os estudantes para os Cursos de Eensino, mas não é suficiente. É preciso ir mais longe", salienta. Rui Fonseca sublinha que abrir mais vagas não tem peso orçamental, ao contrário de outras medidas necessárias (valorização da carreira docente) e essa abertura de mais lugares teria feito "toda a diferença".

Número de aposentados em 2024

Mês	Número
Janeiro	434
Fevereiro	315
Março	299
Abril	241
Maio	206
Junho	183
Julho	272
Agosto	345
Setembro	458
Outubro	398
Total	**3151**

Contudo, a abertura de vagas não resolve, de forma isolada, o problema da escassez de docentes, prendendo-se com inúmeros fatores, sendo mais grave na Zona Sul do país. Rui Fonseca entende que a falta de professores "não se prende diretamente com a concentração numa zona geográfica e ausência de outras".

"O que se passa é que, no conjunto do país, formamos professores e educadores em número inferior àquelas que eram as necessidades previsíveis. Isso faz com que, naturalmente, onde existe menor atratividade e maior população os professores não são suficientes", explica.

Em Lisboa essa menor atratividade prende-se com o valor das despesas com a habitação, face ao rendimento dos professores. Ou seja, o aumento contínuo do valor das rendas em grandes centros urbanos localizados no Centro e no Norte do país poderá levar a uma situação idêntica à que se vive no Sul, com um agravamento do número de alunos sem aulas. "De facto, no Distrito de Lisboa existe um forte entrave com os preços incomportáveis para os salários médios dos professores e isso causa um afastamento e a procura de outras regiões do país mais a Norte, onde o arrendamento não é, ainda, tão caro", sublinha Rui Fonseca, alertando para o alastrar do problema a nível nacional.

O diretor da Escola de Educação e Desenvolvimento Humano (EEDH) do ISEC relembra que muitos estudos, de várias entidades, faziam prever este cenário, uma situação que "não foi acautelada pelos sucessivos Governos". "Sabia-se que iria ocorrer uma grande falta de professores e devia ter-se começado, na década anterior, a aumentar o número de vagas. Além disso, deveria ter havido uma clara valorização da carreira docente, de modo a atrair jovens para a profissão. É necessário combinar estes dois fatores para não formar professores para uma profissão que não é atrativa", refere.

"O problema vai continuar a agravar-se"

Rui Fonseca não tem dúvidas: "O ano letivo vai abrir com milhares de alunos sem aulas" e "é preciso acautelar os próximos anos".

"Temos a previsão de 20 mil professores necessários até 2030 e, nesta contagem, não estão as reformas antecipadas. É necessário implementar medidas corajosas e dispendiosas. O problema é muito grave e está em causa o futuro dos nossos filhos", afirma o diretor da EEDH.

O responsável adianta ao DN que o ISEC recebe inúmeros pedidos de escolas que procuram contactos de professores daquela Instituição de Ensino Superior porque, "de facto, não existem alternativas". "O que acontece é que os nossos alunos estão empregados e não temos meios para ajudar as escolas. A empregabilidade dos professores é total e não temos ninguém disponível para indicar."

Ao elevado número de reformas de docentes somam-se os pedidos de reforma antecipada e o abandono da carreira por parte do muitos docentes, não existindo "um contingente de substituições, porque não foram formadas pessoas suficientes". Por isso, "o problema vai continuar a agravar-se", conclui o responsável. Rui Fonseca pede "coragem e vontade política" para resolver "um grave problema que coloca em causa o futuro do país".

Cursos para formar professores esgotam vagas

Os cursos para formação de professores esgotaram as vagas na 1.ª fase do concurso de acesso ao Ensino Superior. Os 21 cursos de Educação Básica, completaram as quase 1000 vagas (997) disponíveis. No ano passado, tinham ficado lugares por preencher na 1.ª fase. O número de colocados aumentou, assim, 8% face ao ano letivo anterior. Nas Instituições de Ensino Superior das regiões de Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve, onde existe maior carência de docentes, entraram 328 estudantes. O norte continua a liderar a formação de novos docentes, com a entrada de 500 alunos.

Ivo Ivanov é o CEO da DE-CIX, uma das maiores *Internet Exchanges* do mundo.

“Portugal está hoje no centro do mundo da conectividade”

INTERNET O país está atualmente posicionado para ser uma porta privilegiada do mundo para a *Net*, em especial no eixo pan-Atlântico, mas não só. Conferência vai trazer a Lisboa 600 participantes de mais de 50 países para falar sobre o futuro do setor. O DN falou com o presidente da organização.

TEXTO **RICARDO SIMÕES FERREIRA**

Com 33 *data centres* ao todo, sendo o da Covilhã um dos maiores do género no mundo e 20 só na Região de Lisboa, ligações submarinas de dados de alta velocidade transatlânticas de ponta – com mais uma prestes a ser “amarrada” pela Google nos Açores e em Sines –, uma taxa de penetração de internet de alta velocidade nacional (fibra) das mais altas da União Europeia (71,1%), Portugal “é um formidável ponto de convergência para todos os continentes banhados pelo Oceano Atlântico”.

Quem o diz é Ivo Ivanov, CEO da DE-CIX – um dos principais operadores mundiais de *Internet Exchange* –, empresa que de 1 a 3 de outubro promete trazer a Lisboa “cerca de 600 participantes de mais de 300 empresas e de mais de 50 países diferentes”, no Pátio da Galé, para a Conferência Global Atlantic Convergence, onde se vai discutir o futuro de uma infraestrutura digital pan-Atlântica e o futuro da internet.

“Portugal já alcançou uma posição central no panorama global contemporâneo da internet e está hoje no centro do mundo da conectividade”, garante Ivo Ivanov. “O desafio passa agora por desenvolver ainda mais o tráfego internacional, e um elemento determinante na escolha do destino do tráfego internacional é a disponibilidade dos conteúdos e serviços pretendido.”

Uma das principais questões da atualidade é como reduzir o tempo de resposta (tecnicamente, a latência) entre o pedido feito pelo utilizador e a resposta obtida. “As aplicações digitais atuais ainda podem oferecer uma experiência de utilizador aceitável, com uma latência não superior a um piscar de olhos (100 milissegundos)”, afirma o CEO da DE-CIX, “mas não é certamente uma experiência excelente”.

> Só em cabos submarinos de dados “prevê-se iniciativas que amarram em Portugal, se estendam a 115 estações em todo o mundo até 2026, estabelecendo ligações diretas com nada menos que 60 países nos cinco continentes e estendendo-se até à Austrália”, diz Ivanov.

Isto porque “o cérebro humano demora apenas 20 milissegundos a percecionar a informação tátil, 13 milissegundos a processar sinais visuais e ainda menos – menos de um único milissegundo – a percecionar os atrasos auditivos. Assim, criar um ambiente imersivo autêntico e fiável exigirá a replicação da velocidade mais rápida, para que as reações e interações possam parecer naturais”. Só com este tipo de velocidades será possível termos experiências virtuais realistas satisfatórias e, por exemplo, cumprir verdadeiramente o sonho do Metaverso.

“O que é necessário para fazer face a essas exigências? Grandes canais e a computação de alto desempenho devem aproximar-se o mais possível dos utilizadores e dos dispositivos inteligentes.” E Portugal, com a infraestrutura já existente e aquelas que se preveem construir, está na linha da frente para a construção deste futuro.

Por exemplo, só em cabos submarinos de dados “prevê-se iniciativas que amarram em Portugal se estendam a 115 estações de amarração de cabos em todo o mundo até 2026, estabelecendo ligações diretas por cabo com nada menos que 60 países nos cinco continentes e estendendo-se até à Austrália”, avança Ivo Ivanov.

Assim, “vejo Lisboa e Portugal como um novo centro de interligação que permite fluxos de dados eficientes entre as Américas, África e Europa, e mais além, para a Ásia. E veremos surgir oportunidades de negócio transatlânticas e até pan-Atlânticas crescentes, com base nisto: Lisboa liga os outros continentes atlânticos à Europa com a latência mais baixa. Já não se trata apenas de ligar a Europa e a América do Norte – trata-se também de garantir a melhor conectividade a África e à América do Sul”, afirma ao DN o especialista, numa entrevista concedida por *e-mail*.

África: um desafio e oportunidade

O continente africano é aquele em que os desafios de fazer chegar a internet de forma eficiente são maiores, mas simultaneamente onde o potencial de negócio e crescimento é maior. “A questão é: até que ponto África já é digital? Numa perspetiva global, o continente está certamente a crescer em termos de acesso à internet, está a fazer grandes progressos em termos de disponibilidade e qualidade de serviço e tem um enorme potencial económico”, afirma Ivanov. “Há um número crescente de unicórnios tecnológicos em África e o financiamento de *startups* cresceu seis vezes nos últimos cinco anos”.

“Apesar da conectividade móvel na zona subsariana estar entre as mais caras do mundo, 64% dos africanos da região subsaariana possuíam um *smartphone* no final de 2021”, refere este responsável, “demonstrando a verdadeira fome de comunicação digital, conteúdos e aplicações de comunicação digital e recursos baseados na *cloud*”.

A conclusão? “A velocidade da digitalização em África será mais rápida do que já vimos anteriormente noutras regiões digitais emergentes.”

Mas para o conseguir é necessário fazer com que a maior parte do tráfego de internet em África deixe de estar “concentrado na África Austral e Ocidental”. “Não é conveniente concentrar todos os fluxos de tráfego em duas pequenas áreas de um grande continente”, lembra Ivanov.

E neste aspeto o sul da Europa – e como tal Portugal – também terá uma palavra a dizer. “Na DE-CIX estamos a desenvolver parceria com fornecedores africanos de infraestruturas como a UNITED em Quinxassa (RDC), LITC em Trípoli (Líbia), e Rack Center em Lagos (Nigéria) para lançar as bases para os ecossistemas digitais através da construção de plataformas de interligação e *Cloud Exchanges*. Cada uma destas plataformas terá também conectividade direta e dedicada no sul da Europa, como as nossas *Internet Exchanges* (IX) em Marselha, Lisboa e Barcelona.”

Desta forma, promete o CEO da DE-CIX, ir-se-á conseguir que “os utilizadores africanos [tenham] acesso a conteúdos, aplicações e serviços digitais com a qualidade que merecem e a um preço acessível.”

E mais uma vez, Portugal abrirá assim novos mundos ao resto do mundo.

Opinião
Fernanda Câncio

Estranho é não fugir mais gente

"É grave e não pode voltar a acontecer." A frase é do ministro das Infraestruturas, Miguel Pinto Luz, repetida depois pela ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, na severa alocução desta terça-feira.

A declaração é normal: que há de dizer um Governo ante uma evasão que, pelas circunstâncias em que ocorreu – à luz do dia, com toda a calma, sem mais meios que escadas e alicates para cortar rede e à vista das câmaras de vigilância – humilha o Sistema Prisional a ponto de as autoridades, e alguns "especialistas", elogiarem, como quem se desculpa, o profissionalismo e sofisticação de quem preparou o acontecimento? Que não podia ter acontecido e que não poderá voltar a acontecer. Mas não é só nos filmes que se dão fugas espetaculares (e rocambolescas) de prisões: todos os Sistemas Prisionais, inclusive os mais modernos, as sofrem.

E essas evasões não sucedem sobretudo ou apenas nos sistemas que, como os dos países nórdicos, se caracterizam por serem "abertos" (só os condenados considerados perigosos estão realmente presos; os outros vivem nas prisões, mas saem para trabalhar), e que tendem a ter taxas de fuga relativamente altas. É olhar para os relatórios do Conselho Europeu sobre prisões. No último, na página 113, encontramos a taxa de evasão e o número de evadidos nos vários países da Europa durante o ano de 2022, para constatar que, sendo a média de 32 evasões por 10 mil reclusos , por exemplo França acusou, nesse ano, uma taxa de de 122,7 por 10 mil, correspondente à fuga de 887 presos. Desses, 88,7% fugiram de instituições fechadas. Em 2021, tinham sido 734 os evadidos (taxa de fuga de 105) nesse país.

E não é porque o rácio de reclusos/guardas prisionais do sistema francês seja muito alto: é de 3,9, não muito superior ao de Portugal (3,1). E não é que o valor que França gasta por recluso/dia (e que inclui todos os gastos correntes, incluindo com pessoal) seja baixo: trata-se de 127,14 euros, um pouco abaixo da média europeia (131 euros) e mais do dobro dos míseros 56,33 euros portugueses. Não, há de ser por outras razões que fogem tantos reclusos em França. Como há de ser por razões outras que Portugal, há décadas a ignorar resolutamente as prisões e a investir nelas o menos possível, tem apesar de tudo tão poucas evasões.

Sim, poucas: em 2022 evadiram-se oito presos, dos quais dois, segundo as notas do relatório europeu, estavam em regime aberto (não saltaram o muro). A taxa foi assim de 6,5 por 10 mil, e não se trata de uma exceção: de acordo com o constante no relatório de atividades de 2022 da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, a média de fuga nos nove anos anteriores foi de 7,6 reclusos/ano.

> "O problema maior das prisões portuguesas não é não conseguirem manter presos os presos, porque nisso até funcionam – a taxa de fuga é baixa. É serem um sistema de degradação, opacidade e esquecimento."

Não se pode pois gritar, porque cinco homens se evadiram, que há um "problema de segurança", do ponto de vista da incapacidade de contenção dos reclusos, no Sistema Prisional português. Até porque o que aconteceu em Vale de Judeus está ainda em investigação, e se à partida parece ter havido, como disse a ministra da tutela, "uma cadeia sucessiva de erros e falhas graves", está por se perceber se foram mesmo erros.

Já o que é decerto erro e falha grave, inaceitável e grosseira, é a indiferença a que a sociedade portuguesa – incluindo a parte dela que tanto se mobiliza por acontecimentos internacionais relacionados com Direitos Humanos – vota a situação escabrosa em que vive a maior parte dos reclusos. Uma indiferença na qual não cabem apenas os Governos – porque ninguém, por mais condenações pelo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos que nos caibam, quer saber do que se passa nas prisões e, sobretudo, gastar nelas dinheiro ou empatia.

Por mais que se repita que Portugal, malgrado ser considerado um dos países mais seguros do mundo, está sistematicamente entre os Estados europeus nos quais os reclusos passam mais tempo presos – em 2022, com 28 meses (dois anos e três meses) de média, foi o campeão –, ninguém liga.

Ninguém liga quando, ano após ano, se verifica que uma parte considerável das pessoas encarceradas – 9% em 2022–, o estão por crimes rodoviários como conduzir sem carta, manobras perigosas ou condução sob influência do álcool ou estupefacientes, ou seja, os chamados "crimes de perigo abstrato", pelos quais se é condenado não pelo mal que se fez a alguém, mas pelo que se poderia ter feito. Ninguém liga quando, ano após ano, cerca de 20% dos reclusos o são por crimes ligados às chamadas drogas – também de perigo abstrato – a que correspondem, por via de uma legislação anacrónica, com mais de 30 anos, penas muito mais severas que as aplicadas aos condenados por crimes violentos – ou seja, quem agrediu, violou, roubou ou, até, matou.

Ninguém liga quando surgem denúncias sérias e documentadas de agressões e tortura nas prisões, como sucedeu este ano com os relatórios de visita do Mecanismo de Prevenção de Tortura da Provedoria de Justiça. Aliás, é como se se achasse normal que reclusos sejam submetidos a sevícias.

É verdade que por duas vezes neste século houve, com Governos socialistas, planos de reestruturação do Sistema Prisional, com desativação de penitenciárias e construção de novos estabelecimentos, modernos e humanos. Mas, das duas vezes, os planos caíram: primeiro devido à crise financeira de 2007/2008 e subsequente crise do euro, depois devido à pandemia e à crise inflacionária. Mas não vimos ninguém a protestar por isso – decerto não houve, no Parlamento, declarações indignadas da oposição por mais uma vez se desistir de trazer para o século XXI um sistema decrépito, onde se paga dois euros por dia aos reclusos que trabalham e a maioria fica o dia todo metida na cela a ver TV, à espera de que o tempo, e a vida, passem.

Não é de esperar que isso mude com este Governo, que no seu programa tem poucas e pobres linhas sobre o assunto (e nenhuma sobre necessidade de reforçar a segurança). Fala de "revisão e valorização das carreiras profissionais dos Guardas Prisionais", de "promover políticas de reforço da formação profissional e da recuperação da formação escolar dos reclusos", de "redimensionar a rede de Estabelecimentos Prisionais" e "as equipas de reinserção social" e "promover a diferenciação e individualização da intervenção dos Estabelecimentos Prisionais". Nada sobre sobre a necessidade de construir novas prisões. Só uma linha (que se saúda) sobre prender menos: "Reforçar a prestação de trabalho a favor da comunidade como alternativa à reclusão".

Não há pois, pelo menos em termos programáticos, nenhum sinal de que esta equipa governativa considera, como preconizava um relatório de 2017 elaborado sob a tutela de Francisca van Dunem, ser preciso mudar o paradigma carcerário e construir, em 10 anos, várias novas prisões, desativando muitas das antigas.

Eram belas ideias, mas sete anos depois do relatório Van Dunem estamos aqui – nas penitenciárias onde ainda este ano a Provedoria encontrou infestações de baratas, pulgas e ratos, mais humidade e mau cheiro, pessoas amontoadas em camaratas e vídeos – inclusive em Vale de Judeus – de guardas a agredir reclusos, mais pessoal prisional que dizia desconhecer ser seu dever reportar essas agressões.

Se calhar estranho mesmo é não fugir mais gente.

Jornalista

Retornados: “Chamavam-me preta e diziam-me ‘vai para a tua terra’”

ADAPTAÇÃO Muitos dos que vieram das ex-colónias para Portugal nem sequer conheciam o país. De um momento para o outro viram-se sem nada e tiveram de recomeçar do zero. Os filhos enfrentaram o preconceito nas escolas, os netos já só sabem o que lhes contam. As famílias Silva e Sobral contam as suas histórias.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Há 50 anos, mais concretamente a 27 de julho de 1974, o general António de Spínola surgia nos ecrãs da RTP a anunciar o direito à independência dos povos das colónias. “É chegado o momento de reconhecer às populações dos nossos Territórios Ultramarinos o direito de tomarem em suas mãos os próprios destinos”, afirmava, dando início, também, ao processo de descolonização, que movimentou cerca de meio milhão de portugueses, muitos deles já nascidos em África, mas que vieram para Portugal. São os “retornados” apesar de muitos nem sequer alguma vez terem posto, até então, o pé em Portugal, a chamada Metrópole, na época do colonialismo.

É o caso de Filipe e Juventina Silva, de 80 e 76 anos, bem como da filha, Paula, de 54. “Nós somos mesmo naturais de Angola. A minha bisavó era da Calheta e foi na primeira colónia de madeirenses para o Lubango”, começa por contar o octogenário. “Lá crescemos, lá vivemos, e quando se deu o 25 de Abril fomos apanhados já casados e com três filhos. Era a nossa terra, nunca tínhamos vindo à Metrópole”, desvenda.

A família acabou por só sair de Angola em 1975, primeiro para um campo de refugiados na África do Sul. “Queríamos ficar e teimámos em ficar. Mas corríamos o risco de perder gente na família. Porque a cidade era invadida por um grupo político, a UNITA. Depois vinha a FNLA, depois o MPLA, e era uma mortandade”, recordam, dando conta da situação em que Angola entrou, com vários grupos independentistas a debaterem-se pelo poder no país que haveria de se tornar independente no dia 11 de novembro de 1975. “Mais tarde, fomos retirados da África do Sul para Portugal e chegámos a Lisboa em março de 1976, felizmente todos juntos”, recorda Juventina.

A família recém-chegada viu-se completamente sozinha em Portugal. “Não tínhamos cá ninguém mas havia o IARN (Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais), que prestava apoio aos refugiados – estavam no aeroporto, que foi onde fizemos o nosso primeiro registo”, revela Filipe Silva.

Do aeroporto foram enviados, de camioneta, para Monção, no Minho. Ficaram hospedados numa pensão e nada tinham de seu, além de “algumas roupas e documentos”. Outros familiares foram chegando a Portugal, também vindos de África. “Estivemos uns meses em Monção, mas chegámos à conclusão de que lá não íamos conseguir emprego e viemos para Lisboa, onde já estavam outros familiares em pensões, também apoiados pelo IARN”.

Passou um ano até a família ter uma casa. “Eram casas arrendadas pelo IARN. Mais tarde, fomos morar para casa de familiares e, entretanto, arranjei emprego numa fábrica, na Azambuja”, relata Filipe Silva, que em África tinha sido professor e chefe de posto administrativo. “Quando fui à entrevista disseram-me que não me iria adaptar, mas tive de me adaptar. Tinha a minha família para sustentar”, realça o idoso.

Passados 50 anos ainda sente mágoa. “Destruíram a minha infância. Toda a gente tem uma terra, os sítios onde brincou quando era miúdo.” Chora, à medida que recorda os tempos de África. “Por mais anos que passem eu digo sempre que roubaram a minha infância. Não consigo ir àquele riozinho onde brincava, não consigo ver os passarinhos de que tanto gostava. Tudo isso morreu.”

A família nunca mais voltou a África. “Depois, toda a nossa vida foi feita aqui, em Portugal”, diz.

A filha, Paula Silva, aterrou em Lisboa com 6 anos. “O que me marcou mesmo é algumas memórias de que em África tínhamos tudo. Um baú de brinquedos para a minha irmã, outro para mim. Um casa grande, com empregada para a minha irmã e empregada para mim, cozinheira. E, de repente, vimo-nos sem nada.”

Na escola, a adaptação foi difícil. “Como a minha filha era retornada, a professora entendeu que devia ficar na última fila, apesar de ser uma ótima aluna”, lembra Juventina Silva. “Houve uma altura em que não queríamos dizer que éramos retornados, porque o retornado era uma espécie à parte, indesejada.”

A neta de Filipe e Juventina, Marta Costa, nasceu em Portugal e nunca teve qualquer contacto com África. “Sempre me foram passadas boas memórias”, afirma a jovem, de 27 anos. “Os meus avós tornaram-se pessoas de sucesso em África e depois tiveram de dar um passo atrás, quando chegaram a Portugal, em 1976.”

500 mil

Retornados Até ao final de 1975, cerca de 300 mil pessoas vieram para Portugal, de Angola. Cerca de 160 mil vieram de Moçambique. As restantes, das outras ex-colónias.

“Tínhamos uma vida boa”

Maria Conceição Sobral, 77 anos, também saiu de Angola para Portugal. No seu caso foi um regresso, dado que só tinha ido para Angola já jovem adulta. “Fui em 1970, depois de o meu marido, que era piloto-aviador e farmacêutico, me

Sónia Sobral com a mãe, Maria Conceição, e o filho, Leonardo. A massagista conta ter sido alvo de *bullying*, na escola após o regresso de África.

Filipe e Juventina Silva, com a filha, Paula Silva, e a neta, Marta Costa. O casal é natural de Angola e nunca tinha vindo a Portugal antes da descolonização. Nunca mais regressaram àquele país africano.

GERARDO SANTOS

CARLOS PIMENTEL

ter vindo pedir em casamento, a Lisboa", recorda. "Em 1971 nasceu a minha filha e, em 1976, vim-me embora com ela, mas o meu marido ainda continuou lá mais algum tempo, até 1979". "Tínhamos uma vida boa e viajávamos muito entre Angola e Portugal. Por exemplo, quando a minha filha fez 1 ano viemos a Portugal mostrá-la."

Maria Conceição e Vasco Sobral, já falecido, moravam num grande edifício do Bairro Prenda, em Luanda. "A nossa casa era um *duplex*. Tinha imensas coisas que não eram comuns em Portugal, como máquina de lavar roupa."

Tal como Juventina, também Maria Conceição tinha empregada, apesar de não trabalhar. "Dedicava-me muito à costura e foi, também, quando estudei arte", conta a septuagenária, que exibe orgulhosa objetos em porcelana pintados por si, bem como quadros e retratos.

Daqueles tempos recorda a violência da guerra civil. "Para irmos para os quartos, subíamos a escada de gatas e com tudo às escuras. Uma vez houve uma vizinha que foi à janela espreitar e um tiro passou e raspou-lhe o pescoço, cravou-se no teto."

À medida que os portugueses foram abandonando o prédio "as casas foram invadidas. Havia um senhor sozinho, na primeira galeria e nós. De resto, não havia mais brancos". Ainda assim, não foi o medo a fazê-la vir para Portugal mas sim a escassez de alimentos, mesmo havendo dinheiro para comprar. "Um dia a minha filha pediu um bife com batatas fritas e um ovo a cavalo ao pai, e nós não tínhamos para lhe dar", lembra Maria Conceição.

A filha, Sónia, 54 anos, tem más memórias dos primeiros tempos em Portugal. "Eu preferia passar fome e passar pela guerra lá, do que estar aqui. Sofri de *bullying* como ninguém pode imaginar", começa por dizer Sónia. "Chamavam-me preta e diziam-me 'vai para a tua terra'. Nós éramos os pretos, os retornados. Foi horrível", relata. "Depois, a minha mãe cortava-me o cabelo no barbeiro, ficava espetado, e eu era muito feia, muito cabeçuda, tudo servia para gozarem comigo." E prossegue: "Marcou-me muito. Diziam-me muitas vezes: 'Vai-te embora para a tua terra, não és daqui'." Só com o passar dos anos o estigma se foi relativizando. "À medida que fui crescendo foi-se diluindo a história do retornado. Hoje, Portugal é um país onde vamos para a rua e o que não falta são raças estranhas, tudo se tornou mais natural."

Esta família também não voltou a Angola. "Não me sinto preparada para ver tudo destruído", desabafa Sónia Sobral.

O filho, Leonardo, é luso-francês e por isso não estranha a mistura de culturas. "Na minha escola há franceses, há portugueses e há outros alunos como eu. Tudo é natural." Não sente vínculo com Angola, mas: "Achei curioso fazer um trabalho para a escola com as histórias da minha avó."

isabel.laranjo@dn.pt

"Por mais anos que passem eu digo sempre que roubaram a minha infância. Não consigo ir àquele riozinho onde brincava (...) tudo isso morreu."

Filipe Silva
Reformado

"Houve uma altura em que não queríamos dizer que éramos retornados, porque o retornado era uma espécie à parte, indesejada."

Juventina Silva
Reformada

"A nossa casa era um duplex. *Tinha imensas coisas que não eram muito comuns em Portugal como máquina de lavar roupa."*

Maria Conceição Sobral
Reformada

"Preferia passar fome e passar pela guerra lá, do que estar aqui (...). Nós éramos os pretos, os retornados."

Sónia Sobral
Massagista

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

O pedido pode ser rejeitado com base em antecedentes criminais ou risco.

Portugueses vão precisar de autorização eletrónica para ir ao Reino Unido

VIAGENS Autorização Eletrónica de Viagem implica o registo com antecedência de dados pessoais e o pagamento de uma taxa de 12 euros.

Os portugueses que queiram visitar o Reino Unido vão precisar de uma Autorização Eletrónica de Viagem, documento que passará a ser obrigatório para europeus a partir de abril de 2025, anunciou o Governo britânico.

O sistema implica o registo com antecedência de dados pessoais e biométricos por via digital, através de uma aplicação, e o pagamento de uma taxa de 10 libras (12 euros).

A autorização poderá demorar até três dias e terá uma validade de dois anos, período durante o qual poderão ser feitas múltiplas visitas ao Reino Unido de até seis meses de duração.

Depois de uma fase experimental com alguns países árabes iniciada em 2023, o sistema vai ser alargado a todos os visitantes que não necessitem de visto prévio para estadias de curta duração.

Visitantes de países não-europeus, como Estados Unidos, Brasil, Macau ou Argentina, vão poder candidatar-se a partir de 27 de novembro e terão de ter uma Autorização Eletrónica de Viagem (ETA, na sigla inglesa) a partir de 8 de janeiro.

Turistas europeus, incluindo de Portugal, poderão candidatar-se a partir de 5 de março, sendo obrigatória para visitar o Reino Unido a partir de 2 de abril de 2025.

Britânicos residentes no estrangeiro, bem como cidadãos estrangeiros residentes na República da Irlanda estão isentos por fazerem parte de uma área comum de viagens com o Reino Unido.

> O novo sistema passará a ser obrigatório a partir de 2 de abril. A autorização pode demorar até três dias e vai ter uma validade de dois anos.

A ETA poderá ser rejeitada com base em antecedentes criminais ou risco, por exemplo, de terrorismo.

O Ministério do Interior britânico afirmou ontem que esta medida faz parte do objetivo de digitalizar o Sistema de Fronteiras e de imigração do Reino Unido.

"A digitalização permite uma experiência tranquila para os milhões de pessoas que passam pela fronteira todos os anos", afirmou a secretária de Estado do Interior, Seema Malhotra.

Este sistema não se aplica aos detentores de Autorização de Residência, como aqueles inscritos no Sistema de Registo de cidadãos da União Europeia [*EU Settlement Scheme*, EUSS] aberto depois do *Brexit*, trabalhadores com visto ou estudantes.

O sistema britânico é semelhante ao usado por países como os EUA, Canadá, Austrália e Nova Zelândia e ao Sistema Europeu de Informação e Autorização de Viagens (ETIAS) que a União Europeia pretende ter em funcionamento no primeiro semestre de 2025.

DN/LUSA

Opinião
Francisco George

Opinião Pessoal (XXXVI)

Retomo o tema do cancro.

Nunca é demais insistir que há alguns riscos que predispõem as pessoas para certas doenças oncológicas que devem ser conhecidos na perspetiva de serem tomadas ações preventivas. É um princípio básico, porque muitos riscos são evitáveis pelas opções que tomamos no dia a dia, em termos de comportamentos.

Comecemos pelo risco mais falado e, a seguir, pelo menos admitido. Ambos evitáveis, sublinho.

O primeiro é, como todos concordarão, o tabagismo. O fumo originado pela queima da folha o tabaco é forçosamente inalado pelo próprio fumador, mas, igualmente, por quem estiver por perto, sobretudo em ambientes fechados. Está cientificamente comprovado que quando apenas um dos cônjuges de um casal é fumador, a probabilidade do outro não-fumador ter cancro do pulmão também aumenta como resultado do fumo passivo (os ingleses usam a interessante expressão de fumar em segunda mão) que também representa risco.

A este propósito, posso testemunhar que tinha um amigo sindicalista que morreu muito cedo devido a um cancro do pulmão, apesar de nunca ter fumado, mas que passara a sua vida a inalar o fumo dos outros durante as longas reuniões noturnas da sua organização.

O fumo passivo é uma realidade que tem de ser compreendida. Ainda há dias, interpelei uma jovem mãe que estava a fumar com a sua criança ao colo, apesar de estar numa esplanada aberta. Não resisti. Disse-lhe que estava a fazer mal ao seu bebé e que não tinha esse direito. O meu tom de autoridade terá ajudado a resolver a situação de imediato. Espero que tenha servido de lição!

O outro comportamento de risco, menos percetível, é a exposição ao sol sem camisa, *T-shirt* protetora, e sem chapéu de abas largas, tanto na praia como no campo. Todos deviam saber que, pelo menos entre as 12.00 e as 16.00 horas, essa proteção é muitíssimo importante para evitar o cancro cutâneo (melanoma maligno).

Por estas razões, é preciso que todos compreendamos os efeitos dos nossos comportamentos, incluindo da alimentação, no que se refere ao cancro, uma vez que há determinados estilos de vida que encurtam o tempo de estarmos vivos.

Se gostamos de viver não devemos fumar, nem estarmos desprotegidos à exposição dos raios solares.

Mas, já perante a doença, todos sabem que o diagnóstico precoce é fundamental para permitir o início rápido da terapêutica.

Ora, no começo, o tratamento do cancro estava limitado à cirurgia e só depois surgiram, sucessivamente: a radioterapia, quimioterapia e, mais recentemente, a imunoterapia e a terapia celular.

Mas, a inovação atual está associada a custos muito elevados destes medicamentos, que representam montantes incomportáveis para os orçamentos dos hospitais.

Ex-diretor-geral da Saúde
franciscogeorge@icloud.com

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." O resultado foi este.

Paulo Battista Alfaiate

"Um animal? Sem dúvida o rei da selva. Gostava muito de ser um leão"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Se eu pudesse ter um superpoder, seria ler a mente das pessoas, pois gostava de saber, na realidade, o que é que elas realmente pensam sobre mim.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
A minha série favorita é *Peaky Blinders*. Foi covid, já foi fora de covid... adoro ver isso como série de maratona.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Foi na tropa. Eu fui das poucas pessoas que fui à tropa e foi em Elvas. Perninhas de rã. Comi e não sabia o que era e quando soube. Olha, já era tarde, mas não voltei a repetir.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Se pudesse viajar no tempo voltava à minha infância. Embora eu tenha tido uma infância algo complicada, fui muito feliz.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Seria o Batman. Sempre foi alguém que me fascinou.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Foi num programa da RTP e foi o *chá-chá-chá*, porque eu sempre disse que não iria fazer esse tipo de danças e então senti-me assim um bocado envergonhado.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Gostava de trocar com o Cristiano Ronaldo e tentar saber como é que é ser o Melhor do Mundo por um dia. Deve ser muito engraçado, mas também deve ser uma grande seca, mas trocaria com ele, pelo menos para ele ter um bocadinho mais de uma vida mais pacata – ficava com a minha durante 24 horas e eu ficava com a dele.

ANDRE CHANTRE

Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
Kizomba faz-me sempre dançar.

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e por quê?
Tudo que sejam filmes de época. Por exemplo, a série seria *Peaky Blinders*, novamente, porque não fosse eu alfaiate, eu sou fascinado pelas roupas do antigamente e acho que aquelas vidas eram aquelas vidas boémias e tudo mais... Aquilo era muito engraçado.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Foi uma viagem da minha mulher a Veneza, fazíamos anos de casados, eu achava que vinha trabalhar, saí eram cinco e pouco da manhã, à hora que saio todos os dias para trabalhar e afinal seguimos para o aeroporto em direção a Veneza e eu não sabia de nada.

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Exatamente o meu signo: seria leão por tudo, porque é alguém que protege os seus, que se coloca à frente dos seus, caça para os seus... Sem dúvida o rei da selva. Gostava muito de ser um leão.

Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
A sobremesa que nunca recuso é arroz doce – umas vezes arrependo-me, mas nunca recuso arroz doce.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Fazia o *Feriado do Leão*, como bom sportinguista, e reunia os bons e verdadeiros sportinguistas no Estádio de Alvalade, na Academia do Sporting. Viver como um bom sportinguista.

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Eu não sou muito de *hobbies*, eu tenho muito pouco tempo, mas sou grande fã de churrascada e sempre que vou a casa de alguém, que alguém está no churrasco, não lhe dou cinco minutos para tirá-lo de lá e fico eu a comandar a carne ou o peixe na grelha.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Já tenho, sem dúvida, Manuel Luís Goucha, entre muitos outros. Sou um grande fã de futebol e tenho muitos amigos ligados a profissionais de futebol que são muito amigos meus, mas já sou muito grato: tenho o Manuel Luís Goucha.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Porque é que os médicos são muito calmos? Porque estão cheios de pacientes. Pronto, é seca, muito seca.

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Se pudesse falar com algum animal, gostaria de falar com os meus animais e tentar perceber se realmente estou a fazer um bom trabalho. É só por isso.

Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?
Pois, já algumas conhecem: eu já fiz televisão. Gosto de dançar, gosto de cantar, eu ajeito-me a fazer tudo, por isso sou muito versátil.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
O azul, qualquer homem adora azul e então seria sempre o azul.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Obrigado. Sou uma pessoa muito grata por tudo aquilo que a vida me tem dado e, então – aliás, toda a gente diz isso –, eu digo obrigado a tudo e então é a palavra que mais gosto de dizer.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Uma máquina que fizesse um segundo ou um terceiro Paulo Battista, porque como eu costumo dizer, eu não chego para as encomendas.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Não fui eu que comprei, foram os meus filhos: um presente envenenado – compraram-me um, como é que aquilo se diz, um biquíni do Borat para eu usar e eu prometi-lhes que ia usar, mas ainda não tive a coragem de usar esse presente ridículo.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Se tivesse de comer apenas uma coisa, por exemplo, podia ser esparguete à bolonhesa que eu gosto, pode ser para o resto da vida. Ou então fruta... eu alimentava-me facilmente de fruta.

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Eu sou do tempo em que ia a um nome que a gente dava que era a "chinchada" com os meus amigos, que era o quê na realidade? Era ir para os quintais dos vizinhos, subir às árvores e tirar de lá a fruta e comer na hora, então lembro-me disso perfeitamente.

Se fosse um meme, qual seria?
Aquele bonetinho com os óculos escuros, porque eu levo a vida muito nessa onda de *relax*.

Qual seria o título da sua autobiografia?
Seria *Acredita*. *Acredita*, porque de onde eu vim nunca na vida eu pensei chegar ou alcançar tudo aquilo que eu alcancei, vindo de onde eu vim.

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Poderia ser, sei lá, eu não sou muito de videojogos, mas poderia ser o Super Mario, porque eu sou como o Super Mario, estou sempre numa correria para trás e para a frente.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Eu tenho uma coisa que sempre que alcanço ou que alguém inveja eu digo sempre "estudasses".

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Exatamente igual como o meu superpoder, estar ao lado das pessoas para, na realidade, saber o que é que na realidade pensam e dizem sobre mim.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Foi há meia dúzia de dias: fomos de férias e faltou o mais velho, porque já entrou no mercado de trabalho e, por muito que discutamos, por muito que arranjemos atritos uns com os outros, coisas de família, o que é certo é que ele fez muita falta e, cada vez mais a presença é muito importante.

Patrões rejeitam subida do SMN "por decreto" e pedem redução da carga fiscal

CONCERTAÇÃO SOCIAL Confederações patronais defendem que subida do salário mínimo deve ser acompanhada de medidas fiscais para as empresas. Sindicatos pedem que aumentos vão além dos 855 euros no próximo ano.

TEXTO **RUTE SIMÃO**

PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS

O aumento da Retribuição Mínima Mensal Garantida (RMNG) é um dos temas quentes que irá marcar o encontro de hoje entre o Governo e os parceiros sociais. A um mês de entregar o Orçamento do Estado para o próximo ano, o ministro das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, e a ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Maria do Rosário Ramalho, discutem, na Comissão Permanente de Concertação Social, as perspetivas económicas para 2025 e o acordo de rendimentos.

Os sindicatos dizem que é imperativo reforçar os rendimentos do trabalho, com um salário mínimo a avançar para valores entre os 890 euros e os mil euros no próximo ano. Já do lado dos patrões, a postura é de cautela, com as confederações a alertarem para a necessidade de uma análise prévia ao *dossier* fiscal e à conjuntura económica.

"Precisamos de soluções para a economia crescer e se, nesta reunião, o objetivo for discutir o salário mínimo isoladamente e sem contexto, então estamos a discutir uma economia de mínimos", alerta o presidente da Confederação Empresarial de Portugal (CIP). Armindo Monteiro defende que a evolução dos salários deve ser analisada em linha "com o crescimento da economia e não por decreto e por imposição" e acredita que para equilibrar a balança é preciso baixar impostos.

"Se em cada 100 euros de aumento, 55 euros vão para os cofres do Estado, não adianta aumentar salários. No fundo, estaremos a discutir qual será o aumento da receita do Estado, é uma agenda encapotada. Se o objetivo é aumentar os salários, então que sejam os trabalhadores os principais beneficiários dessa medida", aponta. O dirigente irá levar para a Concertação Social propostas para apresentar ao Executivo e, embora não queira deslindar o teor antes da reunião, adianta que estão assentes em três pilares: simplificação administrativa e desburocratização, crescimento económico e aumento do rendimento dos trabalhadores.

A CIP colocará ainda em cima da mesa a proposta-base apresentada no ano passado, no Pacto Social, para a criação de um 15º mês isento de impostos. Ou seja, as empresas poderão proceder ao pagamento voluntário de um salário-extra até ao limite da remuneração-base sem incidência de IRS e exclusão da base de incidência contributiva em sede de Segurança Social.

Apesar de a medida ter sido adotada pelo anterior Executivo, a Autoridade Tributária englobou este extra para efeitos do cálculo da taxa de IRS a pagar. "Esta medida é importante porque, isentando custos sobre este salário, estamos convencidos de que é uma forma de pôr dinheiro no bolso das pessoas e não no bolso do Estado", justifica Armindo Monteiro.

Governo de Luís Montenegro apontou já a intenção de chegar fazer chegar a remuneração mínima aos mil euros em 2028, com aumentos graduais durante a legislatura.

O dirigente espera que não existam "preconceitos de base" sobre a proposta que permitirá, afiança, "subir os rendimentos dos trabalhadores sem que isso agrave o excesso de custos sobre o trabalho em Portugal".

Recorde-se que o atual acordo de rendimentos, que foi assinado pelo anterior Executivo socialista em 2022 e revisto no final do ano passado – e do qual ficaram de fora a CIP e CGTP – prevê uma atualização do Salário Mínimo Nacional em 2025 para os 855 euros, um aumento de 35 euros face aos atuais 820 euros. O Governo de Luís Montenegro apontou já a intenção de chegar aos mil euros em 2028 com aumentos graduais durante a legislatura. O salto previsto para o próximo ano pode ficar acima do estabelecido no acordo de rendimentos, fixando-se em 860 euros, conforme noticiou ontem o jornal *online* Eco.

Contactado, o gabinete de Maria do Rosário Ramalho remeteu explicações sobre esta matéria para o final da reunião com os parceiros sociais.

O presidente da Confederação do Turismo de Portugal (CTP) rejeita uma discussão de valores sem fundamento. "Não se pode chegar e dizer que agora vão ser 850 euros ou 900 euros. Porquê? É preciso justificar, não se pode definir salários por decreto. Têm de ser definidos através de indicadores concretos, sejam eles a inflação, o crescimento económico ou a produtividade", enumera.

Francisco Calheiros está confiante, ainda assim, em que, caso o Governo decida ir além do acordo de rendimentos, apresente "medidas que permitam a mitigação dos impactos para as empresas". O representante dos patrões do turismo volta a insistir na necessidade de uma reforma do Estado que permita "diminuir a despesa pública e motivar uma baixa profunda em termos de IRS e IRC".

Já para João Vieira Lopes, pre-

Governo, patrões e sindicatos voltam hoje à mesa da Concertação Social.

sidente da Confederação do Comércio e Serviços de Portugal (CCP), a principal preocupação na reunião de Concertação Social é perceber as medidas do Governo no capítulo dos impostos, relembrando que urge mexer no IRC e baixar as taxas de tributação autónomas. "A carga fiscal sobre as empresas é alta e para haver condições para subidas significativas de salários, temos de perceber quais são as medidas fiscais que o Governo pretende colocar neste Orçamento do Estado", indica.

Do lado dos sindicatos, a CGTP é perentória a afirmar que o aumento da RMMG definida no acordo de rendimentos "fica aquém" do necessário. "Há trabalhadores que, no último ano, viram a sua prestação da casa subir 400 euros. Como é que temos coragem de lhes dizer que este acordo só prevê um aumento de 35 euros?", questiona o secretário-geral da CGTP.

Tiago Oliveira reitera a proposta já apresentada pela estrutura sindical de avançar com um salário mínimo de 910 euros em janeiro de forma a conseguir, progressivamente e até ao final do ano, atingir os mil euros. "Este ano tivemos um aumento do Salário Mínimo Nacional de 60 euros e, agora, com o brutal aumento do custo de vida a proposta que está em cima da mesa é inferior. Isto é a degradação completa das condições de vida de quem trabalha e esperamos solidariedade na reunião de hoje", acusa.

Por outro lado, o secretário-geral adjunto da UGT, Sérgio Monte, desafia o Governo a avançar para um salário mínimo de 890 euros e alerta para o cumprimento da neutralidade fiscal, de forma a garantir que os trabalhadores, ao serem aumentados, não percam rendimentos líquidos em caso de mudança de escalão.

rutesimao@dinheirovivo.pt

Distribuição tem novo contrato coletivo

Foi publicada esta semana no *Boletim do Trabalho* a alteração parcial do Contrato Coletivo de Trabalho (CCT) do setor da distribuição, negociado entre a Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição (APED) e o Sindicato dos Trabalhadores do Setor de Serviços (Sitese). O acordo para a atualização salarial foi obtido em agosto, com efeitos retroativos ao início do mês, mas só agora foi publicado. A associação fala numa "negociação tensa", mas que permitiu a assinatura de um contrato de "valorização do setor", menos de dois anos após a última negociação.

Com 11 níveis salariais, a tabela do setor vai agora dos 825 euros de valor de entrada na profissão aos 1500 euros do nível máximo, o diretor/diretor de loja, que tem uma remuneração mínima de 1500 euros. "O importante é que temos o compromisso de voltarmos à mesa das negociações para olharmos para a tabela de 2025 já em outubro", assegura a APED.

"O novo contrato coletivo é uma forma de mostrarmos ao setor e às nossas pessoas que estamos motivados para criar melhores condições para atrairmos cada vez mais pessoas qualificadas", sublinha o diretor-geral.

O CCT do retalho alimentar e não-alimentar data de 2008, tendo sofrido alterações em 2016 e 2022. "É uma nova era que queremos impor no setor. Queremos motivar as pessoas e estar sempre em diálogo com as estruturas sindicais", diz Gonçalo Lobo Xavier, que explica ter sido negociada uma atualização de cinco a 10 euros em diversas categorias.

ILÍDIA PINTO
ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Opinião
Ana Jacinto

No país dos planos

Muitas vezes, na nossa vida pessoal, o verdadeiro encanto de algumas coisas vem do "não haver planos". Já cheguei a ter experiências absolutamente incríveis em viagens que fiz e onde optei por não seguir o tradicional mapa das atrações locais, e por causa disso conheci paisagens de tirar o fôlego, encontrei uma praia que ninguém conhece, e estive num café escondido onde conversei com habitantes locais e acabei a noite a cear em suas casas.

Há, de facto, uma considerável dose de encanto quando decidimos não fazer planos, e deixarmo-nos simplesmente levar, mas já quando transpomos esta ideia para a nossa esfera profissional, ou mais ainda para os destinos de um país, o improviso raramente dá bom resultado.

Um qualquer país, e o nosso em particular, precisa de Planos de Ação, enquanto formas organizadas de se alcançar metas e objetivos. Eles são necessários para que se transformem ideias em realidade, mas de uma forma organizada, com uma gestão de tempo e recursos, eficaz e eficiente.

E nisso (ter Planos), verdade seja dita, o nosso país é perito. Temos Planos para todos os gostos. Só nos últimos meses, temos Planos para as Migrações, Planos para a Saúde, Planos para reduzir alunos sem aulas, Planos "+Aulas +Sucesso", Planos "Tens futuro em Portugal"… e por aí fora. Se a isso juntarmos "Agendas", "Estratégias", "Programas" e afins, o número sobe exponencialmente. Só o Programa "Acelerar a Economia", apresentado pelo Governo no passado mês de julho, contempla muitos outros Planos, Estratégias e Programas.

Não é, assim, por falta de Planos, *lato sensu*, que o nosso país não avança, mas de tempos a tempos (por vezes não muito), muda-se o Governo, mudam-se as vontades, e mudam-se os Planos. Percebe-se que os Governos têm diferentes visões sobre qual o rumo que deve levar o país, mas há áreas que necessitam de mudanças profundas, e cujos "Planos" não se devem esgotar nas legislaturas.

Não quero ir tão longe quanto um "pacto de regime", mas vamos chamar-lhe apenas acordos sobre questões estruturais e fundamentais para o país, que devem transcender ciclos eleitorais e diferenças ideológicas.

Sei que as tentativas nesta matéria não passaram disso mesmo e não quero parecer ingénua, mas acredito que todos sairíamos a ganhar se criássemos bases estáveis que assegurassem a continuidade de políticas essenciais para o desenvolvimento e a estabilidade nacional, superando-se divisões partidárias em nome de um interesse maior, que é o interesse nacional.

Mal comparado, a Concertação Social tem essa matriz (quando não-desvirtuada), ao reunir Governo, sindicatos e associações patronais para acordar políticas laborais e desenvolvimento económico. Ao longo dos anos, foi aqui que vários Governos e seus parceiros sociais conseguiram acordos importantes, e todos sabemos a dificuldade que é, empregadores e sindicatos chegarem a acordo, ainda para mais com a "chancela" do Governo.

O meu desejo é que haja maturidade, bom senso, inteligência e liderança para moldar os consensos necessários nas questões estruturais e cruciais do país.

Secretária-geral da AHRESP

O One World Trade Center ergue-se hoje no local onde ficavam as Torres Gémeas.

SPENCER PLATT / GETTY IMAGES VIA AFP

11 de Setembro continua na memória dos americanos, mas é longe da união de 2001 que hoje o assinalam

AMÉRICA No 23.º aniversário dos ataques que fizeram quase 3000 mortos nos EUA, é um país profundamente dividido o que hoje vai recordar as vítimas. O terrorismo já não é a maior preocupação dos americanos, mas o tema não deve escapar aos candidatos às Presidenciais. Kamala Harris vai estar nas cerimónias. Trump talvez.

TEXTO **HELENA TECEDEIRO**

Passadas mais de duas décadas sobre os maiores atentados terroristas de sempre nos EUA, hoje ainda 36% dos americanos dizem estar preocupados com a possibilidade de serem vítimas de terrorismo. Longe dos 59% que confessavam esse receio em outubro de 2001, um mês depois do ataque que matou quase 3000 americanos, quando piratas do ar desviaram quatro aviões e os lançaram contra as Torres Gémeas em Nova Iorque, contra o Pentágono e um que se despenhou num campo da Pensilvânia, mas bem acima dos 24% de abril de 2000, um ano antes dos atentados reivindicados pela Al-Qaeda de Bin Laden. Com a América e o mundo em choque, o momento era de união dentro e fora de portas. Hoje, a data mantém todo o seu simbolismo, mas são uns Estados Unidos profundamente divididos que vão assinalar o 23.º aniversário do atentado.

"O 11 de Setembro continua a ter – e suspeito que tenha para sempre – um impacto profundo e duradouro. Outros assuntos têm vindo a criar ondas de preocupação, internos e externos, mas o 11 de Setembro foi um ataque contra almas inocentes e entrou na nossa psique coletiva", explica Katherine Vaz.

Apesar de hoje viver em Nova Iorque, foi na sua Califórnia natal que a escritora, de origem portuguesa, soube dos atentados. "Costumo levantar-me cedo e a primeira coisa que vi foram notícias que uma amiga de Nova Iorque me enviou" e garante: "Toda a gente que conheço está ligado a alguém que estava nas Torres e sobreviveu ou a alguém que morreu. Tenho uma amiga que tinha saído tarde na véspera e quando ia para o trabalho naquele dia recebeu uma chamada para não apanhar o metro para o World Trade Center e sobreviveu. Outro amigo conseguiu sair da segunda torre antes de ela cair. Uma amiga perdeu o marido. Temos todos uma história."

Também Francisco Resendes está convencido de que se se fala menos do 11 de Setembro do que há uns anos: o ataque "é um acontecimento incontornável na História do país e do mundo, o dia em que os Estados Unidos sofreram o maior ataque no seu território des-

"Outros assuntos têm vindo a criar ondas de preocupação, internos e externos, mas o 11 de Setembro foi um ataque contra almas inocentes e entrou na nossa psique coletiva."

Katherine Vaz
Escritora

"O terrorismo está na agenda, mas com uma reviravolta. Mais americanos estão preocupados com a repetição do dia 6 de Janeiro do que com o 11 de Setembro."

P.J. Crowley
Antigo porta-voz do Departamento de Estado

"Kamala Harris (...) quer aproveitar o aniversário do 11 de Setembro para reformular o seu compromisso com a força e o propósito dos EUA."

Tim Sieber
Professor na Universidade de Massachusetts

"[O 11 de Setembro] trouxe um sentido de união entre todos os norte-americanos. O país estava unido em apoio às famílias das vítimas e ao presidente de então, George W. Bush."

Francisco Resendes
Diretor do jornal *Portuguese Times*

de o bombardeamento à Base de Pearl Harbor, no Havai, em 1941, continuando bem vivo na memória de todos os americanos".

Recordando que foi depois dos atentados de 2001 que surgiram medidas de segurança que ainda se mantêm até hoje, por exemplo nos aeroportos ou no acesso a edifícios público, bem como "leis, procedimentos e a criação de departamentos federais em nome da Guerra ao Terror, que moldou a estratégia de política externa norte-americana e redefiniu o conceito de segurança nos EUA", o diretor do jornal *Portuguese Times* garante que "a História recente dos EUA conta-se em dois capítulos: o pré-11 de Setembro e o pós-11 de Setembro. Naturalmente que hoje há outras preocupações que se impõem, como o combate ao radicalismo, xenofobia, racismo, a reforma das leis da imigração, a economia, e as relações diplomáticas e comerciais com as principais potências mundiais", admite o luso-americano, nascido nos Açores, mas a residir há quase meio século em Massachusetts.

Francisco Resendes descreve o ambiente no pós-11 de Setembro como sendo de "terror e uma certa incredulidade perante o que se passava num país considerado o mais seguro do mundo, com um poderio militar inigualável, com os mais bem apetrechados e sofisticados serviços secretos". Mas, garante, o ataque também "trouxe profunda reflexão e acima de tudo um sentido de união entre todos os norte-americanos. O país estava todo ele unido em apoio às famílias das vítimas e ao presidente de então, George W. Bush, irmanados num símbolo máximo do país: a bandeira nacional, que se erguia em vários estabelecimentos e residências e até mesmo nas viaturas".

Katherine Vaz também destaca como, "naquele dia, a união prevaleceu, independentemente das crenças ou dos partidos políticos. Isso está destruído agora, para nossa tristeza, e a dolorosa reação contra os muçulmanos que se seguiu é bem conhecida. As divisões são muitas hoje, e quem pode dizer quanto resultou desse medo?"

Essas divisões são personificadas pelos dois candidatos às Presidenciais de 5 de novembro: a democrata Kamala Harris e o republicanos Donald Trump. "De uma forma direta ou indireta, penso que a luta contra o terrorismo continua presente no discurso dos dois candidatos à Casa Branca. É verdade que as prioridades na sua agenda são outras, mas ambos são unânimes em admitir que um novo 11 de Setembro não pode acontecer. Por isso é admissível que a segurança dos cidadãos e do país perante a ameaça constante vinda do interior e do exterior continue a ser uma prioridade e esteja também na agenda de Kamala Harris e Donald Trump", afirma Francisco Resendes.

Para Tim Sieber, o que se esconde por trás da retórica atual é "mais ansiedade e incerteza em relação ao papel dos EUA, tanto política como economicamente. Além de uma sensação generalizada de que o mundo se tornou mais multipolar, tanto em termos de rivalidade com a China, como do impacto do grupo do BRICS. É mais claro que os EUA não têm exatamente o mesmo nível de hegemonia nestas áreas que costumavam ter." Segundo o professor da Universidade de Massachusetts, "Kamala Harris está especialmente ansiosa por afirmar as suas credenciais como alguém que pode exercer uma ampla liderança global, e quer aproveitar o aniversário do 11 de Setembro para reformular o seu compromisso com a força e o propósito dos EUA".

O académico explica que "nos EUA, nos últimos anos, existe uma perceção generalizada de que a resposta ao 9/11 foi 'exagerada', que a necessidade de uma Guerra ao Terror foi exagerada e que a indignação causada pelo 11 de Setembro atraiu os EUA para duas guerras dispendiosas e sangrentas no Iraque e no Afeganistão que foram ineficazes".

A presença militar americana no Afeganistão, que os EUA atacaram logo em outubro de 2001 por recusar entregar Osama bin Laden, o líder da Al-Qaeda e cérebro dos atentados do 11 de Setembro, só terminou já com Biden no poder, numa retirada mal organizada que acabou por permitir o regresso ao poder dos talibãs, que os americanos tinham afastado há mais de duas décadas. Para Sieber, "depois do 11 de Setembro, houve uma enorme histeria sobre a vulnerabilidade dos EUA ao terrorismo, um forte apetite de vingança pelas 3000 mortes nos ataques e um jingoísmo generalizado e afirmações de orgulho patriótico. O clima hoje é mais calmo e um sentimento de ameaça à nação é sentido principalmente pela direita e, desta vez, concentra-se mais nos imigrantes e refugiados do que nos terroristas."

Secretário de Estado adjunto para os Assuntos Públicos entre 2009 e 2011, Philip J. Crowley está convencido de que o facto de o 11 de Setembro hoje já não ter o mesmo destaque mediático que tinha há uns anos é, "ao mesmo tempo, boa notícia e má notícia".

"A boa notícia é que parte, senão toda, a resposta dos EUA e do mundo tem sido eficaz. As capacidades da Al-Qaeda e do Estado Islâmico foram bastante reduzidas. A nossa capacidade de impedir ataques foi melhorada. É difícil imaginar que os acontecimentos do 11 de Setembro se possam repetir hoje. A má notícia é que a ameaça do terrorismo islâmico foi substituída, como admitiu o Departamento de Segurança Interna, pelo terrorismo interno de direita."

Quanto à pouca atenção que o tema tem tido nestas Presidenciais, para o antigo porta-voz do Departamento de Estado no tempo de Hillary Clinton, "as Eleições Presidenciais nos EUA são geralmente sobre política interna, não sobre política externa. China, Taiwan, Rússia, Ucrânia, Israel e Gaza fazem parte da tapeçaria da campanha de 2024, mas as pessoas estão muito mais focadas na economia do que na política externa." E acrescenta: "O terrorismo está na agenda, mas com uma reviravolta. Mais americanos estão preocupados com a repetição do dia 6 de Janeiro [o ataque ao Capitólio por apoiantes de Trump em 2021, para tentar impedir a oficialização da vitória de Biden] do que com o 11 de Setembro."

Harris e Biden no local. Trump talvez

Acabada de regressar da Pensilvânia, onde na véspera vai estar frente a frente com Trump no primeiro debate entre os dois candidatos, Kamala Harris deverá estar nesta quarta de manhã no World Trade Center para participar, ao lado do presidente Joe Biden, nas cerimónias dos 23 anos do ataque. O presidente, que no ano passado assinalou a data numa base militar no Alasca, no regresso de uma viagem pela Ásia, estará este ano em Nova Iorque ao lado da sua vice e candidata à sua sucessão. Os dois deverão depois seguir para Shanksville e para o Pentágono, os outros dois locais dos atentados – o primeiro foi onde se despenhou o voo 93 da United Airlines, que se pensa ter tido como alvo o Capitólio ou a Casa Branca, e o segundo foi o alvo escolhido pelos piratas do ar para ser atingido pelo voo 77 da American Airlines.

Donald Trump também estará a ponderar visitar o *Ground Zero*, onde, como todos os anos, serão lidos os nomes das 2603 pessoas que ali perderam a vida naquele dia. Na altura dos ataques, o milionário nova-iorquino foi entrevistado por uma emissora local. Com o país em choque diante das imagens das Torres Gémeas que poucas horas antes se tinham desmoronado após o embate dos dois aviões, o empresário explicava como tinha visto "uma explosão enorme" da janela do seu escritório na Trump Tower.

"Não queria acreditar. Agora, estou a olhar para nada. Desapareceu. É difícil de acreditar", afirmava. Questionado pela pivô sobre eventuais danos sofridos pelo edifício de que era dono no 40 Wall Street, Trump garante que não. Mas entretanto faz questão de sublinhar: "O 40 Wall Street era o segundo edifício mais alto da baixa de Manhattan e antes do World Trade Center era o mais alto – depois eles construíram o World Trade Center e passou a ser o segundo mais alto. E agora [o meu edifício] voltou a ser o mais alto."

Em 2016, enquanto candidato às Pesidenciais, Trump esteve nas cerimónias no World Trade Center, tal como a rival democrata Hillary Clinton, que fora senadora por Nova Iorque. A última vez que o republicano esteve no local foi em 2021, para o 20.º aniversário do ataque.

MARK SCHIEFELBEIN / POOL / AFP

Blinken e Lammy encontraram-se em Londres e seguiram para Kiev. Amanhã são esperados em Varsóvia.

Mísseis iranianos abrem porta a resposta ocidental

UCRÂNIA EUA e países europeus anunciam mais sanções ao Irão e à Rússia. Restrições às armas de longo alcance devem ser levantadas.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

O presidente dos Estados Unidos e o primeiro-ministro do Reino Unido deverão anunciar uma decisão, na sexta-feira, sobre medidas a tomar para ajudar a Ucrânia depois da visita conjunta de hoje dos respetivos chefes diplomáticos a Kiev. Esta viagem ocorre depois do encontro de Antony Blinken e David Lammy em Londres, e na qual o norte-americano previu que as forças russas deverão começar a usar os mísseis balísticos iranianos na Ucrânia "nas próximas semanas".

Num "momento crítico para a Ucrânia, no meio de uma intensa época de combates no outono", Blinken e Lammy vão ouvir o presidente Volodymyr Zelensky sobre "a forma exata como os ucranianos veem as suas necessidades neste momento, com que objetivos" e como podem apoiar.

Na semana passada, Zelensky ouviu de viva voz o secretário da Defesa dos EUA, Lloyd Austin, desvalorizar o potencial dos mísseis de precisão ATACMS, que Kiev pede há meses para usar em território russo, e elogiou a capacidade dos *drones* ucranianos – que na noite de segunda para terça-feira atacaram alvos em nove regiões russas, Moscovo incluído.

Agora, em entrevista à Sky News, o secretário de Estado norte-americano abriu a porta a que os ucranianos venham a receber a tão esperada autorização. "Não é simplesmente dizer se eles [ucranianos] devem ter este ou aquele sistema de armas", disse Blinken. "Sabem usá-los? Conseguem fazer a sua manutenção? Fazem parte de uma estratégia coerente para atingir um objetivo claro? Todos estes fatores têm de ser tidos em conta nestas decisões. Mas o que posso dizer – conclui – é que nos adaptámos e ajustámos a cada passo ao longo do caminho, e vamos continuar, por isso, não excluímos nesta fase."

O que mudou entre a viagem em vão de Zelensky à Alemanha e as declarações de abertura norte-americana? Em conferência de imprensa com o homólogo britânico, Blinken confirmou a entrega de mísseis iranianos à Rússia. "Avisámos Teerão publicamente e em privado de que dar este passo seria uma escalada perigosa", disse. "Isto dá aos russos uma capacidade e uma flexibilidade adicionais. Isto significa que a Rússia poderá dedicar os seus próprios mísseis balísticos a alvos de maior alcance, não os utilizando em alvos de menor alcance, uma vez que terá estes mísseis iranianos para o fazer."

Além da provável resposta de apoio militar, os EUA anunciaram mais sanções contra dez pessoas e seis empresas na Rússia e no Irão. Horas antes, Reino Unido, França e Alemanha informaram que iriam cortar os acordos de aviação com o Irão e sancionar a sua transportadora aérea nacional.

Para Teerão, estas medidas são uma cortina de fumo para a guerra em Gaza. "A divulgação de informações falsas e enganosas sobre a transferência de armas iranianas para certos países não passa de uma propaganda infame e de uma mentira destinada a ocultar a dimensão do apoio maciço e ilegal dos Estados Unidos e de certos países ocidentais ao genocídio na Faixa de Gaza", acusou o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros iraniano, Nasser Kanani.

cesar.avo@dn.pt

EUA criticam atuação das forças israelitas na Cisjordânia

VIOLÊNCIA Secretário de Estado reage à morte de compatriota durante manifestação contra colonatos.

"Ninguém deve ser morto a tiro por participar num protesto. Ninguém deveria ter de pôr a sua vida em risco apenas para expressar as suas opiniões. As forças de segurança israelitas têm de fazer algumas mudanças fundamentais na forma como operam na Cisjordânia, incluindo mudanças nas suas regras de atuação. Tem de mudar e nós vamos deixar isso bem claro aos altos responsáveis do Governo israelita." Foi desta forma que o maior aliado de Israel – os EUA – reagiu à morte de Aysenur Eygi, de 26 anos, pela voz do secretário de Estado Antony Blinken.

A ativista de nacionalidade norte-americana e turca, voluntária de um grupo pró-palestiniano, encontrava-se em Beita numa manifestação contra a expansão dos colonatos quando foi morta com um tiro na cabeça. Segundo testemunhas, Eygi e outros ativistas tinham saído da rua e encontravam-se num olival depois de habitantes e forças israelitas se envolverem numa troca de pedras e tiros. Para Blinken, a investigação israelita "parece mostrar o que as testemunhas oculares disseram e deixaram claro, que o seu homicídio não foi provocado nem justificado".

Não há, todavia, qualquer sinal de que Washington vá diminuir o apoio a Israel. Joe Biden e o seu Governo têm mantido uma relação tensa com o líder israelita Benjamin Netanyahu. O presidente dos EUA divergiu publicamente sobre a forma como Telavive tem lidado com as negociações para reaver os sequestrados pelo Hamas ou pela forma como a ajuda humanitária à Faixa de Gaza diminuiu. Em maio, a transferência de bombas de 225 e de 900 quilos foi suspensa para que estas não fossem usadas em áreas densamente povoadas do enclave (as primeiras acabaram por voltar a ser enviadas a partir de julho). Já candidata às Presidenciais, a vice-presidente Kamala Harris criticou o "devastador" conflito em Gaza e disse que não ficaria em silêncio.

Também a UE, através do chefe da diplomacia Josep Borrell, teceu críticas à política israelita na Cisjordânia. O catalão disse que Israel está a abrir uma nova frente de conflito para "transformar a Cisjordânia numa nova Gaza, com aumento de violência, deslegitimando a Autoridade Palestiniana e fomentando provocações para reagir com força". **C.A.**

JAAFAR ASHTIYEH / AFP

Homenagem a Aysenur Eygi durante o seu funeral em Nablus.

"Seja bem--vinda e um ótimo trabalho", desejou Lula à sua nova ministra.

RICARDO STUCKERT / PR

Lula escolhe professora para os Direitos Humanos. Muda um ministro a cada 3 meses

BRASIL Macaé Evaristo, deputada estadual em Minas Gerais pelo PT, substitui Sílvio Almeida, afastado após acusações de assédio sexual. Sobe para 10 o número de mulheres e seis número de negros no Executivo.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**, SÃO PAULO

Lula da Silva escolheu Macaé Evaristo, deputada estadual em Minas Gerais pelo Partido dos Trabalhadores (PT), como nova ministra dos Direitos Humanos e Cidadania do Brasil. Evaristo, 59 anos, substitui Sílvio de Almeida, acusado de assédio sexual contra outra ministra, no maior escândalo do Governo Lula até agora.

"Convidei a deputada estadual Macaé Evaristo para assumir o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. Ela aceitou. Assinarei em breve a sua nomeação. Seja bem-vinda e um ótimo trabalho", anunciou Lula na rede social Instagram. Com uma trajetória política ligada à promoção dos direitos das mulheres, ao combate à discriminação racial e ao fortalecimento da educação pública, Macaé Evaristo, negra, é, segundo o perfil na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, alguém que "tem orgulho da sua ancestralidade e pretende seguir lutando contra o racismo estrutural e a favor de políticas públicas voltadas à diversidade e à inclusão das mulheres e das minorias".

Professora desde os 19 anos, formou-se em Serviço Social e fez mestrado e doutorado em Educação. Na Administração Pública, foi secretária Municipal da Educação de Belo Horizonte até integrar o Governo de Dilma Rousseff como titular da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação. Depois foi secretária Estadual da Educação de Minas Gerais, antes de ser eleita, em 2022, deputada estadual.

Macaé Evaristo é prima da escritora Conceição Evaristo, que em março se tornou a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira na Academia Mineira de Letras.

Segundo o jornal *O Estado de S. Paulo*, a nova ministra é ré num processo de sobrefaturamento na compra de uniformes escolares pela Prefeitura de Belo Horizonte, em 2011. Ela disse ao jornal sentir--se "consciente do compromisso com a transparência e correta gestão dos recursos públicos", alegando ainda que a licitação dos uniformes não foi realizada diretamente pela sua pasta.

A entrada de Macaé Evaristo no Ministério dos Direitos Humanos acontece apenas três dias após a demissão de Sílvio de Almeida, acusado de assédio sexual a mulheres, incluindo Anielle Franco, ministra da Igualdade Racial.

A crise, a mais grave desde a posse de Lula por tocar a proteção de grupos vulneráveis, objeto do próprio ministério e pilar do Governo, não está debelada, porque Almeida processou o Me Too Brasil, organismo que revelou o caso, e porque há suspeitas de que as denúncias eram conhecidas no Planalto desde 2023.

A oposição, nomeadamente através da senadora Damares Alves, vai potencializando o episódio. "Se algum outro ministro sabia e não denunciou, também é conivente com assédio sexual", disse em vídeo, ainda antes da demissão. Damares, do partido Republicanos, foi antecessora de Almeida no Governo de Jair Bolsonaro, num ministério chamado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

Segundo Anielle Franco, que é irmã de Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro assassinada em 2018, o ministro tocou-lhe nas partes íntimas durante uma reunião em que ambos participavam, episódio que Almeida nega com veemência.

Na sequência, a professora Isabel Rodrigues utilizou as redes sociais para publicar um vídeo em que narra ter sido vítima de Almeida, em 2019, quando ele também teria colocado as mãos em suas partes íntimas durante um almoço com outras pessoas.

Com Macaé Evaristo, entretanto, sobe para sete o número de ministros trocados por Lula em 21 meses de Governo, o que dá uma média de uma mudança a cada três meses. O Executivo tinha 37 pastas em janeiro de 2023, passou a 38 em dezembro daquele ano, com a criação do Ministério das Micro e Pequenas Empresas, e a 39, em maio, com a pasta emergencial da Reconstrução do Rio Grande do Sul, após as enchentes naquele Estado.

As mudanças mais sonantes até agora foram na Justiça, com Flávio Dino a rumar ao Supremo Tribunal Federal e o ex-juiz daquela corte, Ricardo Lewandowski, a cumprir o caminho inverso, e no Turismo e no Desporto aonde chegaram dois apoiantes de Bolsonaro nas eleições de 2022, de forma a aumentar a base de apoio do Governo no Congresso.

Pelo contrário, com Macaé Evaristo, que faz subir para 10 o número de mulheres e para seis o número de negros no Executivo, Lula foi sensível às exigências do próprio partido, o PT. "Sucesso, companheira Macaé!", congratulou-se, nas redes, Gleisi Hoffmann, presidente do PT.

BREVES

Adiado anúncio da equipa de Von der Leyen

A apresentação do novo colégio de comissários europeus, que estava marcada para hoje, foi adiada para a próxima terça-feira. A decisão da Eslovénia de trocar o seu candidato a representante na equipa de comissários, substituindo um homem por uma mulher para contribuir para a igualdade de género, forçou o adiamento do anúncio. A Eslovénia propôs Marta Kos como sua nova candidata na segunda-feira, mas o seu Parlamento só irá discutir a moção na sexta-feira. Von der Leyen pediu aos membros que lhe dessem a opção de escolher entre um candidato masculino e uma candidata feminina, mas o pedido foi seguido apenas pela Bulgária e ignorado pelos restantes. As candidaturas terão de ser ratificadas no Parlamento Europeu.

Tusk critica controlo de fronteiras alemão

O primeiro-ministro polaco disse ser "inaceitável" a decisão da Alemanha de reforçar os controlos fronteiriços para travar a migração irregular. "A Polónia precisa de uma maior participação dos países, incluindo a Alemanha, na segurança das fronteiras externas da UE, em vez de um maior controlo da nossa fronteira", disse Donald Tusk. Na segunda-feira, Berlim anunciou que os controlos temporários seriam alargados por um período inicial de seis meses às fronteiras terrestres com os nove países vizinhos na UE, depois de vários ataques islamistas terem provocado a ira da opinião pública e aumentado a pressão sobre o Governo.

O que esperar de Aktürkoğlu na estreia, um extremo com potencial e diferente dos outros

BENFICA Internacional turco brilhou ao serviço da seleção com três golos antes de se apresentar na Luz a Bruno Lage. Analista Pedro Bouças destaca técnica e verticalidade do único extremo do plantel encarnado "que consegue esticar o jogo".

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Kerem Aktürkoğlu marcou anteontem um *hat-trick* à Islândia pela seleção turca e parece ter conquistado os benfiquistas antes mesmo de se estrear pelo clube, o que pode acontecer no sábado, na receção ao Santa Clara (20.30, BTV), na 5.ª jornada da I Liga, se Bruno Lage, recém-contratado, assim o entender.

Os três golos que marcou na segunda-feira no jogo da Liga das Nações entre a Turquia e a Islândia (3-1) "são uma amostra do seu potencial, porque ele é realmente bom jogador", segundo o analista Pedro Bouças, que antevê, no entanto, algumas dificuldades para o jogador se movimentar como gosta em campo.

"Na maior parte dos jogos da I Liga ele não vai encontrar tantos espaços, e tão largos, e defesas tão abertas, como aquelas que encontrou neste jogo da seleção turca ou como aquelas que encontrava na Liga Turca. Portanto, espero mais dificuldades para triunfar em Portugal do que acho que ele teve até ao momento nos contextos por onde tem passado", avisou o também comentador do Canal 11.

Extremo destro, rápido e móvel, Aktürkoğlu joga preferencialmente sobre o lado esquerdo do ataque, embora também possa atuar pela direita. A verticalidade do seu jogo, para além de ser muito dotado tecnicamente (*dribles* são imagem de marca), são as suas mais-valias, na opinião de Pedro Bouças, que o vê como "um jogador que trará coisas diferentes" em relação aos outros avançados do plantel do Benfica.

"Ele pode render mais num esquema de 4x4x2 como extremo, a jogar pela esquerda, ou num 4x2x3x1, também como extremo a jogar pela esquerda. É um jogador que, à semelhança de vários outros que o Benfica tem no plantel, tem muita destreza e jogo interior, mas, e é aqui que ele se destaca de todos os outros, tem muita apetência para pedir bola nos espaços livres e em profundidade nas costas das defesas adversárias", explicou.

Internacional turco chega ao Benfica num bom momento depois de marcar três golos pela seleção.

EPA

Para entrar no onze

Segundo o analista, o turco de 26 anos "é um extremo mais vertical", que "explora mais os espaços e, com isso, surge mais próximo da zona de golo que os outros extremos que o Benfica". Os números refletem isso mesmo. Nas últimas quatro épocas fez 46 golos e foi responsável por 42 assistências em 179 jogos pelo Galatasaray.

Contratado antes da chegada de Bruno Lage, o turco de 26 anos, "tem categoria para entrar no onze imediatamente, não só pela qualidade que tem, mas principalmente porque é o único extremo do plantel do Benfica que consegue esticar o jogo, que receber uma bola na frente, ao contrário de Di María, Rollheiser ou Prestianni, que querem sempre a bola no pé".

Porque, além de ter capacidade para dar outra verticalidade e profundidade, estica o jogo da equipa: "Por ser diferente de todos os outros, eu acho que tem lugar no onze do Benfica."

Aktürkoğlu chegou do Galatasaray por uma verba de 12 milhões de euros. Fez a formação no Basaksehir e alinhou depois no Bodrumspor, Belediyespor e Erzincanspor, antes de chegar ao Galatasaray na época 2020-21.

"Vim do fundo das ligas profissionais [4.ª Divisão] e transferi-me para o Benfica. Gostaria de agradecer a todos os que me apoiaram neste percurso. Cheguei até aqui com esse apoio e trabalho. O sucesso não é só meu. Espero conseguir alcançar aquilo com que sonhei", disse, depois de marcar um inédito *hat-trick* ao serviço da seleção, esperando dar seguimento ao sonho no Benfica.

Além de Aktürkoğlu, podem ainda estrear-se no sábado, frente ao Santa Clara, os reforços Issa Kaboré e Zeki Amdouni.

isaura.almeida@dn.pt

Outras estreias no FC Porto e Sporting

Fábio Vieira sofreu uma lesão muscular na coxa direita durante um treino e vai parar três a quatro semanas, vendo assim adiada a (re)estreia pelo FC Porto. Nehuén Pérez e Francisco Moura podem jogar com o Farense no domingo (15.30).

Conrad Harder bisou no jogo-treino com o Mafra, mas ainda procura a estreia oficial pelo Sporting, tal como Maxi Araújo, o que pode acontecer sexta-feira, diante do Arouca (20.15).

RUI MANUEL FONSECA

André Villas-Boas tem privilegiado a relação de proximidade com os associados do clube.

FC Porto tem 131 mil sócios e Villas-Boas abdica de salário

PORTAL DA TRANSPARÊNCIA Administração da SAD vai receber cerca de um quarto do valor que a direção de Pinto da Costa recebia.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

O Portal da Transparência foi uma promessa eleitoral de André Villas-Boas ontem cumprida com a revelação detalhada das movimentações financeiras da SAD do FC Porto, incluindo as remunerações dos órgãos sociais da SAD atual, com exceção do presidente do clube e da SAD que abdicou de receber salário.

Feitas as contas, a nova equipa administrativa dos dragões vai auferir um valor fixo total, por ano, de 486 500 euros, um quarto do valor que era auferido pela anterior administração, que, segundo as contas ontem reveladas, receberam mais de dois milhões na última temporada: Pinto da Costa (672 mil euros), Adelino Caldeira (381 500 euros), Fernando Gomes (381 500 euros), Luís Gonçalves (294 mil euros) e Vítor Baía (294 mil euros).

E, segundo o FC Porto, os elementos do conselho de administração informaram que irão abdicar do pagamento de remunerações variáveis no presente mandato – as remunerações variáveis da SAD em 2022-23 ascenderam a 1,6 M€.

Umas das revelações mais surpreendente é o número de sócios do FC Porto, que embora já tivesse aumentado após a vitória de André Villas-Boas nas eleições de abril , é agora de 131 037 associados – Sporting tem 146 292 e o Benfica 298 948.

E é aos sócios que o presidente portista espera prestar contas através do Portal da Transparência, onde a partir de ontem pode ser consultada toda a informação sobre as movimentações do mercado de jogadores.

> Eis os valores ganhos por Pinto da Costa (672 mil euros), Adelino Caldeira (381 500 euros), Fernando Gomes (381 500 euros), Luís Gonçalves (294 mil euros) e Vítor Baía (294 mil euros).

"Para que tudo fique claro e disponível, os associados conseguem obter toda a informação relevante sobre a organização do clube, a relação com os investidores, com os *stakeholders*, as políticas da sociedade, a política de vencimentos do conselho de administração, os códigos de ética e de conduta, as políticas de prevenção da corrupção… tudo o que são iniciativas que fazem sentido para a sociedade e que ficam à distância de um ou dois cliques dos associados", explicou Villas-Boas.

Por exemplo, o FC Porto pagou apenas um valor fixo de 2,88 milhões de euros em comissões de intermediação de oito das transferências. Os 10% do passe de Vasco Sousa adquiridos ao Vit. Guimarães custaram 100 mil euros aos dragões, que assim ficaram com 60% dos direitos económicos do médio, agora com contrato até 2027 e blindado por uma cláusula de rescisão no valor de 50 milhões de euros.

isaura.almeida@dn.pt

SAD do Sporting com lucro de 12,1M€

A Sporting SAD encerrou a temporada 2023/24 com um resultado líquido de 12,1 milhões de euros e, pela primeira vez na sua história apresentou contas positivas em três exercícios seguidos.

No *Relatório e Contas* enviado à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários, a SAD leonina informa ainda que registou capitais próprios positivos pelo segundo ano consecutivo, num total de 21 milhões de euros, e que foi registado um volume de negócios de 246,7 milhões, uma soma histórica numa temporada em que o clube não esteve na Liga dos Campeões.

Este valor é justificado com a "evolução positiva das receitas operacionais e rendimentos de transações de jogadores". Em relação às referidas transações (vendas de jogadores), que totalizam 143,5 milhões de euros, destaque para as transferências de Ugarte ao PSG (60 milhões de euros) e de Pedro Porro ao Tottenham (40 milhões, mais a valorização da aquisição de 15% dos direitos de Marcus Edwards por três milhões).

No *Relatório e Contas* é ainda referido que os gastos com pessoal (salários de jogadores, técnicos e estrutura do futebol profissional) houve um aumento de 13,9 milhões, que são justificados pela SAD leonina pelo "pagamento de prémios de desempenho" e ainda por um "aumento da remuneração dos jogadores, equipa técnica e staff".

Outro dos tópicos comunicados à CMVM diz respeito ao *merchadising*, que na época passada atingiu um valor total de 15,2 milhões de euros, o valor mais alto de sempre registado pela Sporting SAD. Também foi registada uma subida no valor do plantel, que está agora avaliado em 108,4 milhões de euros. **N.F.**

BREVES

Costa acusou *doping* e tem medalha em risco

Luís Costa, o paraciclista que conquistou o Bronze no contrarrelógio de ciclismo de estrada da classe H5 (*handbikes*) nos Jogos paralímpicos de Paris, que teve um controlo *antidoping* positivo, garante estar "de consciência tranquila" e pediu uma contra-análise. negando ter tomado deliberadamente o diurético (chlortalidona). O Comité Paralímpico de Portugal (CPP) informou que foi notificado do controlo e que Luís Costa está "provisoriamente suspenso, estando a decorrer o prazo legal para o atleta exercer o seu direito de defesa". A suspensão é provisória e não implica, para já, a retirada da medalha, que só poderá acontecer depois de esgotados todos os recursos legais ao dispor do atleta.

Mangas no Sp. Moscovo rende 2M€ ao Vitória

Agora é oficial. Ricardo Mangas transferiu-se do Vitória de Guimarães para os russos do Spartak Moscovo, informaram ontem os vimaranenses, adiantando que a venda do passe se consumou por dois milhões de euros, segundo um acordo em que pode receber 500 mil euros adicionais, mediante o cumprimento de objetivos por parte do jogador de 26 anos, e em que reserva 15% do valor de uma futura transferência. O jogador vai representar o 4.º classificado da principal divisão russa, após ter sido o Melhor Marcador do Vitória, com quatro golos e duas assistências na qualificação dos minhotos para a Liga Conferência, num total de seis jogos.

Como Rodrigo Areias se apaixonou pela beleza severa da Ria

REPORTAGEM Rodrigo Areias aceitou o desafio de regressar aos locais de filmagem de *A Pedra Sonha Dar Flor*, a partir de Raul Brandão, em estreia esta semana nas salas. Uma viagem pelas profundezas da Ria de Aveiro na companhia de Nuno Preto, o protagonista.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA,** FOTOS **MARIA JOÃO GALA**

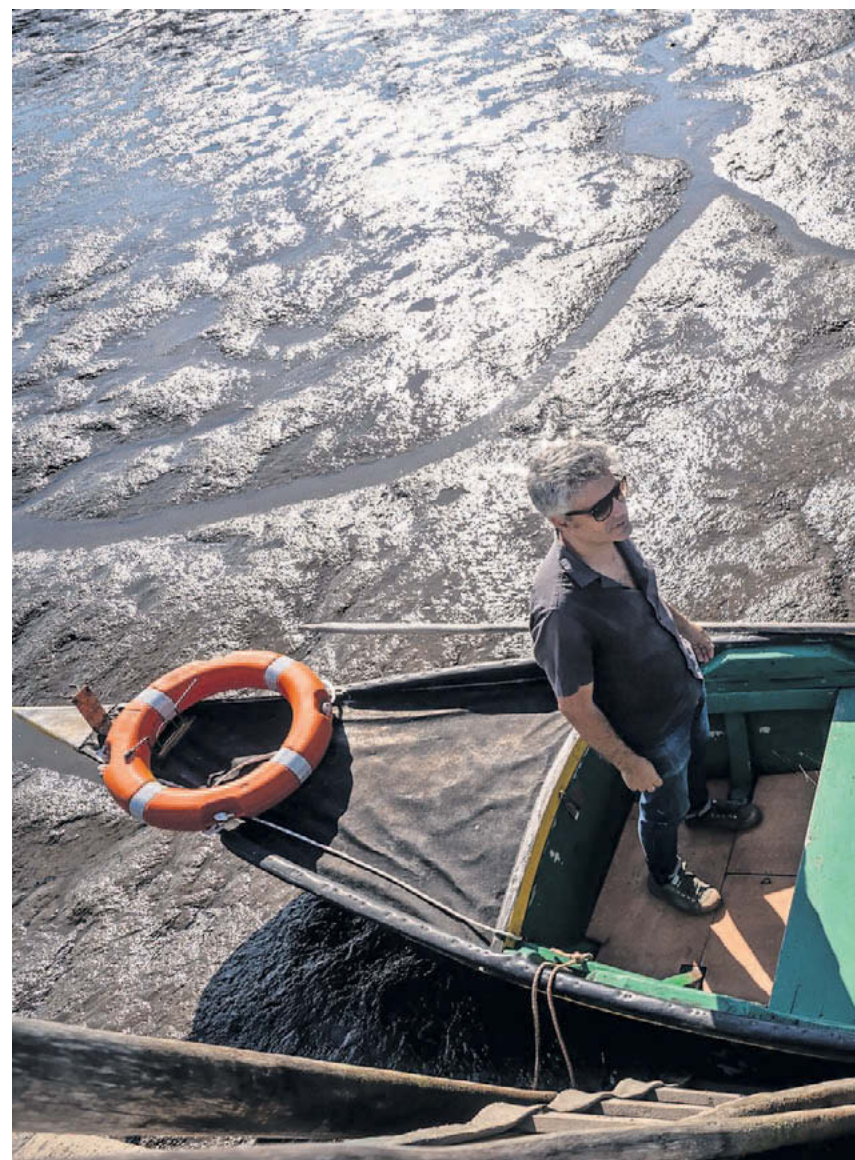
O *mashup* de Raul Brandão de *A Pedra Sonhar Dar Flor* encontrou na Ria de Aveiro o seu cenário para esta adaptação de Rodrigo Areias. O cineasta vimaranense mostrou ao DN os locais onde filmou este drama intemporal, um Portugal do passado que é tão deste presente. Nesta espécie de *retro-repérage* trouxe Nuno Preto, o seu protagonista, figura de *A Morte do Palhaço*, uma das personagens com toda a tragédia da literatura de Brandão.

Como bom cicerone, o realizador leva-nos para um dos locais marcantes do filme, o bar de prostitutas Húmus, afinal, uma casa no meio da ria. Água em redor e uma profundidade de horizonte sem fim. Neste dia quente de agosto sente-se que Areias e Preto olham para estes locais com uma distância de tempo perene.

O filme já foi rodado há uns tempos, as filmagens coincidiram com a chegada da pandemia… "Há mesmo essa sensação de terra de ninguém! Vemos essas casas de ilhas nesta parte da ria selvagem e percebemos que, para muitas delas, o acesso é só possível de barco. Foram casas que se foram construindo no meio da ria. A ideia de fazer o filme aqui era remeter para essa relação com a água, uma relação entre o lado físico, através do Cais da Rainha, em Ovar, que obriga as pessoas a saírem à noite no barco a remos para chegar aos sítios que aqui vemos na Ria de Aveiro. Há ilhotas cujas casas estão mesmo muito no interior da ria…São locais completamente remotos, só alcançáveis via barco. Este lado natural deste *décor* é absolutamente fenomenal e é pouquíssimo explorado no nosso cinema. Adoro estas descrições e há aqui um lado importante nas descrições de Raul Brandão em *Os Pescadores*, aspeto que é especificamente daqui e de Ovar. No fundo, é sobre a relação destas pessoas com água… A água influencia mesmo a forma de estar", começa por dizer Areias.

Um apelo especial de um local que contagia

Andamos um pouco mais à frente e a água parece cercar-nos por todo o lado. À esquerda está um dos outros lugares que serviu como cenário. Há toda uma atmosfera de abandono, de perda: "Gosto realmente muito deste local, estas casas perdidas, as estruturas metálicas, os portos… É uma beleza diferente. Estamos precisamente no dique principal do filme e à esquerda a árvore onde sucede um enforcamento", lembra o cineasta.

Por muito que o argumento desenvolvido também com Pedro Bastos e Eduardo Brito misture várias obras de Brandão, sente-se uma unidade de como toda aquela comunidade fosse única e inseparável, coisa que Areias explica através de um tema recorrente do escritor: "O que ele fazia era escrever sobre a miséria e a pobreza de um

Os cicerones desta viagem de recordações de uma rodagem dura, mas feliz…

país num determinado tempo. Um país que não tinha para onde ir, descrito de forma pouco esperançosa. Trata-se de um fatalismo hiperviolento! E quis fazer um cinema, não de entretenimento, mas de confronto com uma obra e um contexto literário que não deixa de ser uma arte maior. Claro que a ideia era precisamente não desvirtuar a palavra, pegar 'naquilo' com coragem, sem querer fazer um *blockbuster* de Natal".

A Ria continua em Ovar

A escolha de Ovar, mais afastada da boca da Ria de Aveiro, era para conferir outras soluções à produção e ir ainda para o interior mais profundo da ria, com oscilações da maré bem mais

Rodrigo Areias e Nuno Preto, realizador e protagonista de *A Pedra Sonha Dar Flor*.

Foi aqui que a produtora Bando à Parte trouxe a aura circense do filme para um ritual carnavalesco de Ovar...

violentas, canais mais estreitos e uma dificuldade em navegar maior. Nuno Preto, o ator protagonista, teve de dar ao remo bastantes vezes: "Devo dizer que toda a minha interpretação dependeu do equilíbrio que dei ao barco a remar", começa por dizer a brincar. E prossegue: "A minha personagem tem aquela duplicidade, mas, na verdade, está lá Raul Brandão e é isso que pontua a minha abordagem. Foi um trabalho interior próximo da miséria. Entre nós tínhamos uma aposta interna em encontrar uma passagem no guião que não estivessem escritas as palavras miséria, quimera ou morte. Mas dependeu tudo de um processo mais imersivo. Foi por isso que o meu primeiro processo foi de emagrecimento para encontrar uma imagem que refletisse esse desencanto e miséria. Uma imagem e um certo andar."

"Trata-se de um fatalismo hiperviolento! E quis fazer um cinema, não de entretenimento, mas de confronto com uma obra e um contexto literário que não deixa ser uma arte maior. Claro que a ideia era precisamente não desvirtuar a palavra, pegar 'naquilo' com coragem, sem querer fazer um blockbuster *de Natal."*

Por entre esta paisagem forte e já por si dramática, sente-se falta da música e dos cânticos do filme. A dimensão musical é das coisas mais vitais da obra de Rodrigo Areias. Nesse sentido, a música de Dada Garbeck é um coro que nos estampa o desespero destes portugueses tristes e sós.

As marcas de um processo

Depois, quer o ator, quer o realizador falam de um espírito de cumplicidade verdadeira entre os atores e equipa: "Mas é claro que um processo destes deixa marcas. Por exemplo, acabei uma relação nessa altura. Este era um trabalho de interpretação com um grande arco. Foi um ano muito especial, não só devido à pandemia, mas porque também vim da rodagem de *Não Sou Nada*, enfim… Fernando Pessoa! E de Pessoa passo para Brandão! Mais à frente ainda fui até à Agustina em *A Sibila* e um espetáculo de teatro, já para não falar que se seguiu Torga com a série *Histórias da Montanha*. Num ano e meio corri todos os trágicos."

Por entre esta paisagem forte e já por si dramática, sente-se falta da música e dos cânticos do filme. A dimensão musical é das coisas mais vitais da obra de Rodrigo Areias. Nesse sentido, a música de Dada Garbeck é um coro que nos estampa o desespero destes portugueses tristes e sós. Música chorada que é consolo nestas paisagens húmidas.

Se é verdade que o filme chega aos cinemas já depois de amanhã, em certos locais pode ser visto com Garbeck a tocar ao vivo no modelo de cineconcerto.

De cabeça, a mostrar que é produtor que não cochila, Rodrigo Areias dá-nos as datas e os locais. Importante encarar esta opção: quinta-feira no Trindade, no Porto; sexta em Lisboa, no Nimas, e sábado no Centro de Arte, em Ovar, seguindo-se Guimarães no domingo no Vila Flor, dia 21 na Casa do Cinema, em Coimbra e dia 10 no *Festival CinEco de Seia*.

Areias a falar como produtor

Ainda por Ovar, Areias, de novo na capa de produtor, fala de como por virtude da covid, houve a necessidade de levar o que *A Morte do Palhaço* pedia de circo para uma cidade de Carnaval, ou seja, para exteriores.

"Aí tivemos a ajudada da autarquia e é por isso que decidimos rodar as cenas da morte do palhaço num momento apoteótico, cheio de gente, mas mantendo todo o lado enigmático, sendo que a lógica passou a ser exterior."

Dir-se-ia que o cinema improvisa da literatura soluções que soam a divina providência… Trata-se de um grande momento de cinema!

António Chainho despede-se dos palcos, com um abraço à guitarra

CONCERTO Nome maior da música portuguesa, o guitarrista António Chainho despede-se dos palcos depois de 60 anos de carreira. Acontece num concerto marcado para a próxima 6.ª feira, em Lisboa, mas deixa ainda um livro de memórias e um derradeiro disco.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**

António Chainho faz o último concerto aos 86 anos.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Músico autodidata, formado na audição atenta dos programas da Emissora Nacional e das lições do pai (também ele guitarrista), António Chainho está para Portugal como Paco de Lucía para Espanha. Os dois, aliás, chegaram a estabelecer um dueto ibérico de guitarras, num disco que reuniu vários artistas internacionais.

O tempo, no entanto, dita a sua lei e, chegado aos 86 anos, Chainho decidiu terminar a sua carreira nos palcos, despedindo-se do público num concerto que terá lugar na próxima 6.ª feira, 13, na Praça do Município, em Lisboa. A seu lado terá, como convidados, alguns dos seus "cúmplices" das últimas décadas: Carminho, António Zambujo, com quem sempre teve grande cumplicidade, Marta Pereira da Costa (que participou no último disco, *O Abraço da Guitarra*), o quarteto de cordas Naked Lunch, que também integrou esse disco, Ciro Bertini (diretor musical, interpõe de baixo acústico e acordeão) e Tiago Oliveira (viola de fado). A entrada é gratuita.

Mas a retirada do guitarrista, natural de São Francisco da Serra, Concelho de Santiago do Cacém, foi também o momento escolhido para a publicação em livro das suas memórias. No passado dia 4, foi lançada a obra *O Abraço da Guitarra* (título comum ao último disco, como já vimos) em que a jornalista Moema Silva deu voz narrativa a António Chainho.

Tudo começou, como a própria nos conta, com uma reportagem publicada na *UP*, a já desaparecida revista de bordo da TAP: "A ideia de fazer este livro surgiu em 2019. Passei um fim de semana com ele no Alentejo, na Região de Santiago do Cacém, onde fica a sua terra natal. Conversámos imenso e percebi que ele tinha muito mais a contar do que o que cabia numa reportagem. Então sugeri-lhe que fizesse um livro de memórias. E ele, de imediato, retrucou: 'Podia ser a minha amiga Moema a escrever, pois já me conhece muito bem'."

Na verdade, bem vistas as coisas, tudo começou muito antes, ainda na década de 1980: "Conheci-o no Rio de Janeiro, onde eu vivia e trabalhava como correspondente do semanário de espetáculos *Sete*. Nessa altura, eu acompanhava todos os artistas portugueses que iam ao Brasil. Para além disso, o meu pai, Amândio Silva, já falecido, era conselheiro social da Embaixada de Portugal e recebia-os oficialmente. Criavam-se fortes laços de amizade e, com o Chainho, não foi diferente. A partir daí, fomo-nos sempre encontrando em diversos eventos e espetáculos."

Moema adorou o processo, naturalmente moroso, de investigação e escrita: "Tal como digo na introdução do livro, constituiu um autêntico privilégio escrever esta obra sobre António Chainho, em convívio estreito com o próprio, elevando o sentido de partilha. Também adorei recolher os testemunhos que fazem dele uma unanimidade e não posso deixar de destacar o belíssimo prefácio assinado pela Lídia Jorge." Mas o processo não foi isento de dificuldades: "Pouco depois de começarmos a trabalhar no livro, veio a pandemia. Como não podíamos estar juntos, passámos horas infindas ao telefone. O Chainho ia contando as suas histórias e eu ia registando diretamente no computador. Paralelamente, fui fazendo a pesquisa necessária. Mas só muito mais tarde conseguimos finalizar o livro. Não foi fácil rever mais de 80 anos de vida e 60 de profissão."

Mas, uma vez concluída a missão, a autora mostra-se grata pela confiança demonstrada pelo músico, mas também pela oportunidade de o homenagear em vida: "Fico muito, muito feliz por ter tido o Mestre ao meu lado, no lançamento das suas histórias e memórias."

Ao longo de mais de 60 anos de carreira (que, curiosamente, começou em Moçambique, em plena Guerra Colonial, quando Chainho era chamado para acompanhar os artistas metropolitanos que iam atuar à Província Ultramarina), a sua guitarra portuguesa ouviu-se em palcos de países como Espanha, França, Estados Unidos, Brasil, Suécia, Grã-Bretanha ou Japão. Primeiro como acompanhante de grandes nomes do fado como Alfredo Marceneiro, Carlos do Carmo, Francisco José, Frei Hermano da Câmara, Hermínia Silva, Lucília do Carmo ou Maria Teresa de Noronha. Mas depois, em nome próprio.

Em 1996, gravou um disco com a Orquestra Sinfónica de Londres, dirigida por José Calvário. Dois anos depois, ao lado da canadiana K.D.Lang, António Chainho integrou o espetáculo *Red Hot + Lisbon* na interpretação do clássico *Fado Hilário*. Ainda em finais de 1998, gravava, com Ana Sofia Varela, Filipa Pais, Marta Dias, Teresa Salgueiro, Elba Ramalho e Nina Miranda, o álbum *A Guitarra e Outras Mulheres*, com produção de Andrés Levin.

As parcerias virtuosas continuaram em 1999, com uma viagem ao Brasil. Dessa passagem nasceu o álbum *Lisboa-Rio*, em estreita colaboração com Celso Fonseca e Jacques Morelenbaum. Por essa época, também é convidado para acompanhar inúmeros artistas entre os quais José Carreras, Adriana Calcanhoto ou Maria Bethânia.

Desejoso de passar o seu legado, Chainho integrou o corpo docente na Escola de Guitarra do Museu do Fado e participou em seminários e *workshops*, no Sri Lanka, Nova Deli, Bangalor, entre outras cidades asiáticas, dando continuidade à sua missão de divulgar a guitarra portuguesa no mundo.

PUBLICIDADE

emprego

Recrutamento de quadros para a AMT

A Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT), entidade reguladora responsável por definir e implementar o quadro geral de políticas de regulação e de supervisão aplicáveis aos setores e atividades de infraestruturas e de transportes terrestres, fluviais e marítimos, está a recrutar:

- *Quadros Superiores Seniores (m/f) especialistas em direito;*
- *Quadros superiores (m/f) especialistas em tecnologias de informação;*
- *Quadros superiores (m/f) em engenharia de planeamento, infraestruturas e da mobilidade;*
- *Quadro técnico (m/f) especialista em design gráfico e webdesign.*

Toda a informação sobre a oferta de emprego disponível e como concorrer pode ser consultada em **www.bep.pt** e em **www.amt-autoridade.pt.**

avisos, tribunais e conservatórias

CARTÓRIO NOTARIAL DE LOURES
A CARGO DA NOTÁRIA
ROSA MATOS ALVES

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

Certifico, para efeitos de publicação, que foi lavrada neste Cartório, no dia trinta de agosto de dois mil e vinte e quatro, exarada a folhas cem, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número Quatrocentos e Onze - A, uma *Escritura de Justificação*, na qual, Adélia Adelaide Alves Silvério e Mário Alberto Alves Silvério, residentes na Rua de S. Silvestre, lote 42, rés do chão, Bairro da Boavista à Murteira, Loures, declaram que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores, do seguinte imóvel: prédio rústico, denominado por "Regueiras", sito em Regueiras, freguesia e concelho de Loures, inscrito na respetiva matriz predial sob parte do artigo 35, da Secção G, sob o número seis mil seiscentos e vinte e oito, da freguesia de Loures, com o registo de aquisição a favor de António Manuel Lopes Branco Canhão e mulher, Fernanda da Costa Henriques Canhão.

Que o referido imóvel lhes pertence por estarem eles, justificantes, na posse dele há mais de cinquenta anos, sendo, assim, uma posse pacífica, contínua, pública e de boa-fé, pelo que adquiriram o identificado imóvel por usucapião, o que invocam para justificar do direito sobre tal imóvel para fins de registo na citada Conservatória.

Loures, 10 de setembro de 2024

A Notária

diversos

Opinião
Ana Paula Laborinho

Timor, Timor, Timor

Timor ressurge das águas,
Praia futura invocada.

Ruy Cinatti (1915-1986)

Na obra de José Saramago, há uma personagem inspiradora que me acompanha: Blimunda, companheira de Baltazar, tem o poder de ver as vontades no interior de cada um e as juntar para uma obra maior. É assim que a Passarola de Frei Bartolomeu de Gusmão consegue voar no *Memorial do Convento*.

Como bem sabemos, é uma árdua tarefa reunir vontades e fazer delas, nas suas diferenças, uma força inesperada. Timor-Leste – país, gentes, tradições – é bem o símbolo de uma inabalável resistência para a qual muitas vontades, individuais e coletivas, contribuíram. Recordo o dia do referendo que decidiu a independência e como todo um povo enfrentou o medo, apesar da violência, das mortes, da destruição.

Nesse ano de 1999, eu vivia em Macau onde muitos timorenses se haviam exilado e apoiavam a luta pelo seu país. Quando o referendo teve data, foi pedido à organização em que trabalhava Cursos de Português para os timorenses: essa havia sido a língua da Resistência e seria a língua que queriam reconstruir no novo país, a par das línguas nacionais.

Portugal desempenhou um papel exemplar e rapidamente abriu a sua Missão Diplomática com meios mais do que exíguos. Timor independente era um lugar de desolação: casas queimadas, estradas destruídas, colheitas devastadas, aeroporto inoperacional.

> “Comemorar 25 anos de independência é celebrar a vida e a capacidade de resistir e acreditar.”

Foi assim que cheguei a Dili em março de 2000 com a tarefa de instalar um Centro de Língua Portuguesa. O pedido vinha das autoridades, que consideravam o Português a língua de coesão nacional, como havia sido a língua de código da guerrilha na luta contra o invasor.

Mesmo na Missão Diplomática, tínhamos de dormir no chão e havia apenas uma longa mesa que servia para comer, trabalhar, reunir. Ainda em Macau, perguntámos o que poderia ser mais urgente e pediram-nos (além de pás e vassouras) fotocopiadoras pequenas e papel.

Dili praticamente não tinha casas e as pessoas passavam os dias a tentar limpar o que havia sobrado da fúria incendiária. Contudo, já existia uma espécie de restaurante frequentado pelos muitos expatriados a chegar que literalmente se denominava “Casa Queimada”.

O primeiro encontro para avançar com o projeto para reintroduzir o Português (proibido desde a invasão indonésia) foi com o padre João Felgueiras (que este ano completou 103 anos) e aí aprendi quase tudo sobre a capacidade humana de fazer milagres.

Com a energia que ainda hoje transparece, o padre Felgueiras recolhera os deslocados (grande parte dos timorenses) no adro das igrejas e aí passavam o tempo a rezar em português: a memória que lhes ficara. Fizemos cópias das orações e a partir delas começaram as aulas que significavam, ao mesmo tempo, um regresso à identidade e uma cadeia solidária.

Comemorar 25 anos de independência é celebrar a vida e a capacidade de resistir e acreditar. Para um povo crente como são os timorenses, a viagem do Papa Francisco é uma merecida dádiva.

Como Ruy Cinatti antes do tempo entendeu, Timor foi capaz de ressurgir das águas e constrói pouco a pouco o seu futuro.

Diretora em Portugal da Organização de Estados Ibero-Americanos

Opinião
Carlos Rosa

A Educação não se faz nas carruagens dos comboios!

Francisco Anastácio é professor. E amanhã... lá vai de “armas e bagagens” para mais um ano escolar.

Toda a vida sonhou ser professor e na altura de escolher uma via de formação no Ensino Superior, escolheu contribuir para o crescimento dos filhos dos outros, escolheu ensinar.

O Francisco Anastácio é professor há cerca de 25 anos e vive em Faro com a sua esposa e os seus dois filhos. Um deles é barra no futebol, o João, a outra, a Simone é uma bailarina exímia que passa o dia a fazer rodas e piruetas, muito enroladas de tão perfeitas que são! Infelizmente o Francisco só conhece os atributos dos filhos aos fins de semana, que é a altura em que consegue ir a casa e estar com eles.

O Francisco é professor em Viseu. Fruto da impossibilidade de se estabelecer numa escola, que até podia ser longe de casa, pois isso resolvia-se mudando-se toda a família, este professor de Português lá anda, ano após ano a circular pelo país. Este ano em Viseu, no ano passado em Coimbra. O currículo dele espalha-se pelo mapa do nosso país e traduz-se em quilómetros.

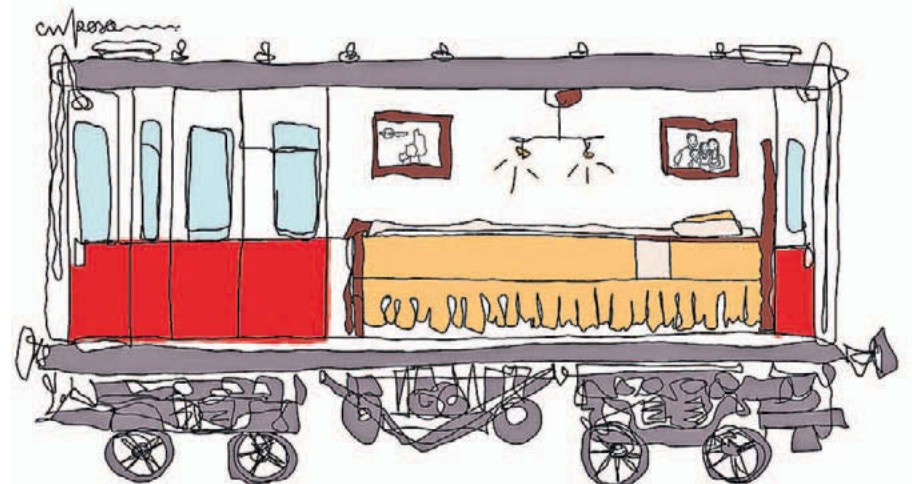
Os recitais de *ballet* são incríveis, mas como o Subsídio de Deslocação não dá para tudo, o Francisco só vai a casa de tempos a tempos.

Já pensou pedir que o seu horário fosse concentrado de segunda a quinta, para conseguir assistir ao treino de convocatória do João à sexta-feira, mas nem assim consegue liquidez suficiente para as deslocações.

O Francisco diz muitas vezes aos amigos, em tom de brincadeira, que vive numa carruagem de um comboio, porque junta o transporte à cama e chega mais depressa a todo o lado enquanto dorme!

Mas da mesma forma que brinca, também destrói os sonhos dos mais novos, dizendo-lhes para que não sejam professores! E porquê? Porque tarda o momento que devíamos parar e enfim perceber que aqueles que constroem os alicerces dos filhos dos outros, os professores, são o alicerce mais valioso na construção de uma sociedade.

E isso... não se faz na carruagem de um comboio!

Designer e diretor do IADE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia

As novidades no exterior são completadas por uma gama de nove jantes diferentes de liga leve.

O Leon já encontrou o seu lugar dentro da família catalã

CARROS Inicialmente emprestado pela Seat, este modelo recebe a atualização necessária para se afirmar como um automóvel com identidade própria no seio da Cupra.

TEXTO **FERNANDO MARQUES,** *MOTOR24*

Disponível nas variantes dois volumes com cinco portas e carrinha Sportstourer, o novo *restyling* do Leon adota a identidade visual comum aos restantes modelos da marca catalã. Na frente, tem na zona inferior uma grelha agressiva com tomadas de ar para refrigeração. Mais acima, o capô termina na forma de nariz de tubarão, para onde foi deslocado o logótipo da Cupra. Este dá o mote à forma geométrica escolhida do triângulo para a assinatura luminosa LED Matrix, opcional nos faróis. O triângulo continua a ser utilizado nos farolins traseiros e, tal como nos recentes modelos da marca, o emblema é também iluminado. As novidades no exterior são completadas por uma gama de nove jantes diferentes de liga leve entre as 18 e 19 polegadas.

Embora haja ainda opções Diesel e gasolina, com potências entre os 150cv e os 333cv apenas na versão Sportstourer com o motor 2.0 TSI, destacamos as versões híbridas recarregáveis com 272cv na mais potente VZ e-Hybrid. Nesta versão, o novo 4 cilindros 1.5 TSI está associado a um motor elétrico e uma bateria de maior capacidade que permite uma autonomia totalmente elétrica de mais de 100km.

A bateria de 19,7kWh aceita carregamento rápido até 50kW em corrente direta demorando 26 minutos a carregar dos 10 aos 80%, ou 2h30 do 0 aos 100% numa *wallbox* doméstica de 11kW.

O interior desafogado ganha ainda mais espaço na versão Sportstourer, em que a capacidade da bagageira pode chegar aos 1450 litros.

Apresenta uma nova consola central, sistema de som opcional da Sennheiser, composto por 12 altifalantes e 390W de potência. O habitáculo acolhe novos materiais mais sustentáveis nos painéis das portas e nos bancos, que são revestidos em microfibra reciclada ou em pele ecológica.

O interior desafogado ganha ainda mais espaço na Sportstourer.

Na versão e-Hybrid, a bateria de 19,7kWh permite uma autonomia totalmente elétrica de mais de 100 quilómetros.

Na vertente tecnológica, o Leon recebe um novo painel de instrumentos e sistema de infoentretenimento com um ecrã de 12,9 polegadas melhorado e mais rápido.

A barra de aplicações foi aperfeiçoada e os controlos táteis abaixo do ecrã para climatização são maiores e retroiluminados. Inclui ainda de série ligação sem fios para os sistemas Apple CarPlay e Android Auto. Com a aplicação *My Cupra*, é possível aceder a diversas informações do veículo a partir do *smart- phone* – climatização, gestão do carregamento da bateria e o fecho e abertura de portas.

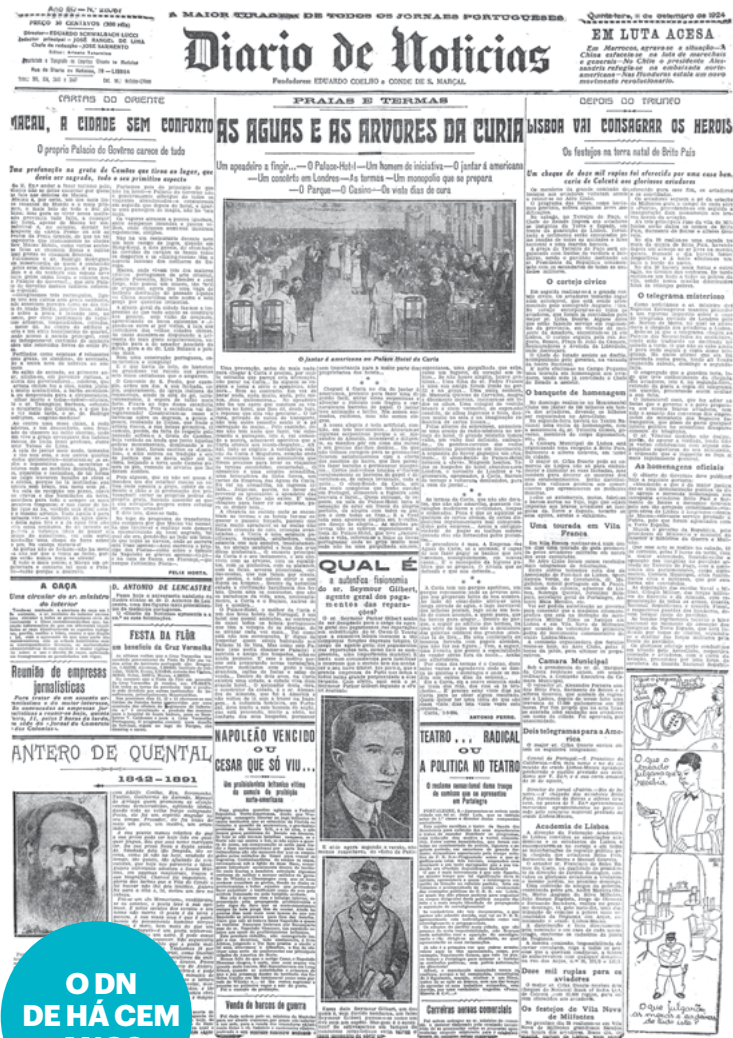
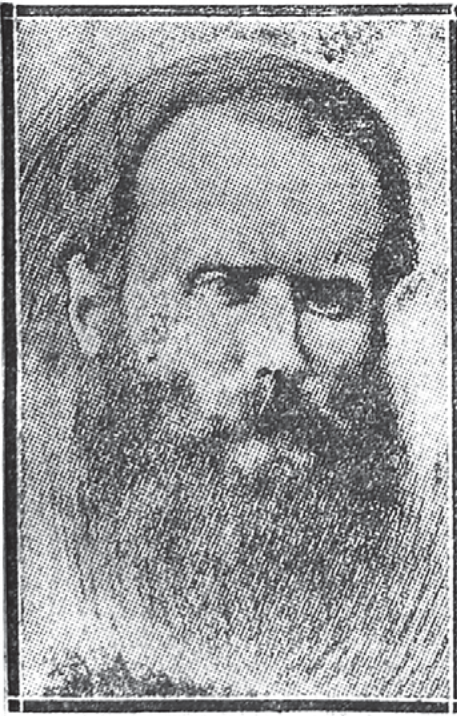
As versões mais potentes do Leon estão equipadas com suspensões McPherson à frente e multibraços atrás, além de Controlo de *Chassis* Adaptativo, que ajusta o amortecimento aos quatro modos de condução – *Comfort*, *Performance*, Cupra e Individual (personalizável) –, sendo ainda possível optar pelo sistema de travagem Brembo Akebono com pinças de quatro pistões e discos perfurados de maiores dimensões.

A versão VZ e-Hybrid cumpre dos 0-100 m/h em 7,1 segundos (7,3 na carrinha).

A segurança conta com Controlo de Velocidade de Cruzeiro Adaptativo Preditivo (ACC), que permite adequar a velocidade em função da estrada, utilizando a câmara dianteira para ler os sinais de trânsito, mantendo os limites de velocidade nas zonas urbanas.

Está ainda equipado com *Travel Assist* e o assistente lateral e de saída do veículo, que alerta o passageiro ao abrir a porta com um aviso acústico e visual para a aproximação de outro veículo, um peão, ou um ciclista.

Os preços para Portugal começam nos 36 500€ para a versão dois volumes, e 38 000€ para a carrinha Sportstourer, ambos equipados com o motor 1.5 TSI de 150cv.

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 11 DE SETEMBRO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

ANTERO DE QUENTAL

1842 – 1891

Antero do Quental

Passa hoje mais um aniversario da norte de Antero de Quental. O grande oeta-filosofo suicidou-se em Ponta Delgada sua terra natal e o seu nome é hoe bem maior do que a sua obra. O seu nome todos o admiram, todos lhe querem, todos o decoraram. A sua obra, essa, não teve ainda a divulgação precisa, para a fazer compreender, para a fazer amada, para que ela seja, conscientemente, uma gloria nacional. Todavia Antero foi um precursor. Um precursor no soneto, pois antes da sua Musa scismar nos problemas graves do ser, jámais outra se lhe antecipara. Um precursor na politica, pois que na difusão de ideias e na divulgação do pensamento orientador tambem outro lhe não deitou a barra adiante. Foi ele com Adolfo Coelho, Eça, Soromenho, Teofilo, Guilherme de Azevedo, Manuel de Arriaga quem promoveu as «Conferencias democraticas», agitando ideias, dando vida ao velho burgo estagnado. Poeta, ele foi um espirito singular no seu tempo. Prosador, ele foi antes de mais um guia, um mestre, um orientador.

A sua poesia menos relativa do que a sua prosa pode ser hoje lida em qualquer lingua, das que esse nome mereçam ter. Da sua prosa ficou a dupla saudade. Saudade dela tão limpida, tão serena, como já não ha hoje, saudade do tempo, tão quieto, tão afastado de convulsões, que hoje nos pareceria o ideal. Antero entretanto adoeceu e Sousa Martins, em paginas magistrais, traçou a sua biografia. Charcot foi impotente, a gloria das turbas que a Vila do Conde o foi buscar não lhe deu lenitivo. Antero foi para a ilha e, lá, meteu um tiro na cabeça.

Fez-se um «In Memoriam», reeditaram-se os sonetos, o poeta teve a sua apoteose. E pelos seculos dos seculos o seu nome não morre. O poeta é da terra e passou. A sua musa essa é que é patrimonio do pensamento humano porque Antero é mais, bem mais do que um poeta português—é um poeta universal. Antero é como um astro. E pode acaso a nossa lingua esquecer. Não esqueceria nunca o pensamento que o poeta moldou no nosso verbo. Tenhamos fé por isso. Esse verbo é imortal, como imortal é a pedra em que os escultores da antiguidade criaram os seus deuses. Passa hoje o aniversario da morte de Antero. O «Diario de Noticias» lembra-a e pede aos seus leitores, não os 2 minutos de silencio agora em moda, mas a leitura de um soneto do poeta. Os poetas, mortos mesmo, gostam de ser lidos; e lêr Antero seria apenas uma patriotica obrigação se não fosse um intenso e magnifico gozo espiritual.

Comemorando o aniversario da morte do grande poeta, a comissão de propaganda do Centro Socialista de Lisboa realiza hoje, ás 9 horas da noite, na sua séde, rua do Bemformoso, 150, uma sessão publica na qual o sr. Agostinho Fortes dissertará sobre «Antero, poeta, filosofo e socialista».

Telef. — 365, 534, 2446 e 5310

CARTAS DO ORIENTE

MACAU, A CIDADE SEM CONFORTO

O proprio Palacio do Govêrno carece de tudo

Uma profanação na gruta de Camões que tirou ao lugar, que devia ser sagrado, todo o seu primitivo aspecto

Se V. Ex.ª andar a fazer turismo pelo riente não se deixe encantar por quem he fale nas delicias de Macau.

Macau é, por certo, um dos mais lindos recantos do Mundo e o mais pitoresco, o mais belo de todo o Sul da hina; mas para se viver nessa malfadada provincia tudo falta, a começar elo hotel, apesar de Macau ter um. referivel é, no entanto, dormir no arapeito da «Areia Preta» ou sob as rvores da Praia Grande, do que na tal ospedaria que ironicamente se chama New Macao Hotel», como varias senhoas feias se chamam Rosas e outras uasi pretas se chamam Brancas.

Felizmente o dr. Rodrigo Rodrigues em misericordia de quem é conhecido pelos seus dominios passa. A' sua genleza e á da senhora sua esposa deve uita gente cama limpa e cozinha boa o Palacio do Governo!... que este Palaio do Governo merece tambem referenia especial:

—Imaginemos três rectangulos, ligaos uns aos outros sem graça nenhuma, nde assentam paredes como as dos fores da Idade Média, janelas feias, abrino sobre a praia e ladeado isto, ao oente, por certo jardimzeco de raquiticos arbustos, tosquiadinhos, coitados, meter dó. Ao centro do edificio a orta e um atrio banalissimo de quartel, ando acesso á escada principal, com eu indispensavel corrimão de madeira obre uns retorcidos ferros de estilo Pies.

Perfilados como estatuas e reluzentes omo graxa, os «landins», de sentinela, ão a unica nota de nobreza ao amiente.

No salão de entrada, ao primeiro anar, alinha-se, em pavonice curiosa, a aleria dos governadores... celebres, que artista chinês fez a oleo, numa pintua muito acabadinha, a barba escanhoaa ou despontada para a circunstancia, olhar morto e todos—todos!—oficiais, té o sr. Tamagnini Barbosa, «oficial» o ministerio das Colonias, e o que hae vir mais tarde, o sr. dr. Rodrigo Rodrigues, «capitão-medico»!

Ao centro uma mesa china, á roda adeiras, e um desconforto, uma frialade de claustro no salão enorme, onde em vive a graça esvoaçante dos habitos rancos de linda Irmã professa, duma oror Teresa de Lima.

A sala de jantar mete medo, tamanha e tão nua está, e nos outros quartos -todos quilometrais—misturam-se os esofos e reposteiros azuis, escarlates e ioletas com as mobilias douradas, preas, amarelas e castanhas, de tal forma ue julgo travarem batalha as côres e s estilos, porque ha lá mutilados: sua adeira sem braço, sua mesa sem pé..

Na sala de recepção um piano, coevo os cravos e das humidades da terra, nsurdece para todo o sempre os mais erculeos timpanos; e nas casas de baho (que as ha, verdade seja dita) notae o mesmo arranjo. Tudo aquilo é para isitante vêr:—a torneira da agua quen- deita agua fria e a da agua fria não eita coisa nenhuma. Se do incauto se podera a tufanica ideia de puxar o ordão do autoclismo, vai com sorte aindo-lhe uma chapa de ferro sobre s pés. Na cabêça matava-o!

As portas não se fecham—não ha meio -a não ser que o vento as feche, porque então nunca mais se abrem!

E tudo o mais assim; e Macau em arquitectura e conforto tal qual o Palacio—razão porque o descrevo.

Partamos pois do principio de que não ha hotel—o Palacio do Governo não é positivamente albergue de todos os viajantes abandonados—e constatemos em seguida que depois do hotel, e áparte uma paisagem de magía, não ha mais nada.

Os vapores atracam a pontes ignobeis, entre sampanas imundas e juncos velhos, onde chineses semi-nus mostram repelencias, aleijões.

Não ha um restaurante decente nem um bom campo de jogos, quando em Hong-Kong, a dois passos, do «foot-ball» ás corridas de cavalos se fazem todos os desportos e os «dining-rooms» têm o aspecto luxuoso dos melhores da Europa.

Macau, onde vivem três dos maiores criticos portugueses de arte oriental, Camilo Pessanha, Silva Mendes e José Jorge, não possui um museu, tão facil de organizar, agora que uma vaga de barbara destruição do passado liquída na China maravilhas sem nome e sem preço por quantias irrisorias.

A planta geral da cidade faz-nos a impressão de que tudo aquilo se construiu aos poucos, sem visão de conjunto, aproveitando os becos existentes e ligando-os entre si por vielas, á laia dos corredores das velhas cidades chinas. As casas sucedem-se disputando a primazia do mau gosto arquitectonico, excepção para a do senador Anacleto da Silva, para a do dr. Luís Nolasco e poucas mais.

Nem uma construção portuguesa, caracteristica e completa!

E o que havia de belo, de historico ou grandioso vai ruindo aos poucos sem mãos carinhosas que o amparem.

O Convento de S. Paulo, por exemplo, ardeu um dia. A sua fachada, copia, seguramente, de igreja italiana da renascença, ainda lá está de pé, miraculosamente, á espera de tufão mais forte. Ficava ao topo duma escadaria larga e nobre. Pois a escadaria vai desaparecendo! Construiram-se casas e barracas sobre os degraus, a pouco e pouco, roubando ás linhas, que frade e artista riscou, a sua beleza primitiva. O cumulo, porém, da falta de respeito pelo passado sofreu-o a Gruta de Camões. Seja verdade ou lenda que junto áquelas pedras monumentais, dominando a cidade e o mar, foram escritos os «Lusiadas», o sitio entrou na tradição e era de joelhos que se devia subir até lá cima, beijando a terra onde Camões pusera os pés, rezando ás arvores que lhe deram sombra.

Pois alguem, que eu não sei quem é, mandou um dia retalhar ruecas na colina onde assenta a gruta, cobrir de cimento o chão e (ó profanação das profanações!) cortar as proprias pedras da propria gruta, fazendo assentar as que a sua selvajaria poupou sobre colunas de cimento armado!

E dito isto, disse-se tudo.

No topo do programa de transformação completa por que Macau vai passar, ha que inscrever e realizar sem demora a reconstituição do local sagrado, tal qual ele era, pondo-lhe ao lado um bronze que toque as nuvens, onde se escreva esta frase apenas:—Aqui escreveu o principe dos Poetas—como sobre o tumulo de Napoleão se gravou apenas—Ci-jit— e na casa de Dante, em Florença,—qui nasque l'altissimo Poeta—.

FELIX HORTA.

NAPOLEÃO VENCIDO

OU

CESAR QUE SÓ VIU...

Um proibicionista britanico vitima do cumulo de proibição norte-americana

Duas grandes questões agitaram a Federal Republica Norte-Americana, desde que Washington conseguiu libertar ao jugo britanico os vastos territorios que se estendem da Florida ao Ontario: A questão da escravatura, o gravissimo problema do Seculo XIX, e a lei sêca, o não menos grave problema do Seculo em decurso. Se hoje se não travam batalhas campaes, se o Norte não vai contra o Sul, se não existe a guerra de corso, em compensação os ardís para iludir o fisco norte-americano por parte dos contrabandistas não são menores dos que os empregados pelos soldados de Grant para vencer os negreiros. Contrabandistas de ambos os sexos, colocando-se sob a égide do deus Baco, conseguem introduzir anualmente dentro do territorio onde fluctua a bandeira estrelada algumas centenas de milhar e mesmo milhões de garrafas de Whisky e Champagne com que os bons yankees consolam as goelas, dando ao diabo os protecionistas e todos aqueles que pretendem fazer substituir o tonificante sumo da uva pela acidula limonada ou pela insipida orchata.

Mas não é apenas com o inimigo interno, representado pela propaganda proibicionista e pelo rigor do fisco que os norte-americanos amigos de bela pinga têm de contar. Ainda ha poucos dias nem mais nem menos do que um Napoleão se preparava para lhes dar batalha. Claro que não se tratava desse Napoleão a quem os realistas franceses tratavam por Buonaparte mas do sr. Napoleão Shannan, um napoleão celebre nos anais do proibicionismo britanico.

Este preclaro cidadão, não conseguindo impôr a sua doutrina, toda abstinencia, á livre Albion, julgando o Tio Sem prestes a abolir a lei seca, atravessou o Atlantico, a fim de efectuar uma serie de conferencias nas principais cidades da America do Norte.

Menos feliz do que o antigo Cesar, o Napoleão Shannan chegou, é certo, mas nem sequer viu quanto mais venceu. Mal desembarcara em Long Island, quando as autoridades o avisaram de que a sua presença dentro do territorio dos Estados Unidos era tão intoleravel como uma garrafa de Whisky e... só lhe restou regressar a penates no primeiro vapor a sair do porto.

Foi o cumulo da proibição.

TEATRO... RADICAL

OU

A POLITICA NO TEATRO

O reclame sensacional duma troupe de comicos que se apresentou em Portalegre

PORTALEGRE, 8.—Apresentou-se ontem nesta cidade um tal sr. João Luís, que se intitula actor de 1.ª classe e director duma companhia ambulante.

Este sujeito escolheu o teatro da Banda dos Bombeiros para exibição dos seus espectaculos e tratou de mandar distribuir os programas, cuja redacção deu motivo a varios comentarios. Entre outras banalidades, que foram cortadas no comissariado de policia, figurava o seguinte periodo, em caracteres de grande formato: «Grandioso espectaculo pela troupe artistica do P. R. R.»—Preguntado sobre o que significavam estas três iniciais, respondeu com desplante e um tanto aprumado: que a sua tradução era «Partido Republicano Radical!»

O que é mais interessante é que este figurão, ao mesmo tempo que tal significação dava ás iniciais, apresentava a quem o interrogava um cartão de filiação no referido partido, feita em Coimbra e acompanhada de certas credenciais das comissões politicas do P. R. R. em Leiria, as quais lhe dão plenos poderes para organizar os corpos dirigentes desta politica naquele distrito e a mais ampla liberdade de propaganda e aquisição de correligionarios!

Se verdadeiros são tais documentos, o que parece não admitir duvida, mal vai ao P. R. R. apresentando esta individualidade como seu correligionario e propagandista.

Os adeptos do partido nesta cidade, que são pessoas de certa respeitabilidade, não ficaram nada satisfeitos com a aparição do correligionario e vão dirigir-se ao directorio, ao qual apresentarão as suas reclamações.

Já não é a primeira vez que outros aventureiros aqui se têm apresentado, como, por exemplo, Nascimento Gomes, que veio ha pouco tempo a Portalegre para nomear e instalar as comissões politicas, sem prévia autorização do directorio!

Afinal, o espectaculo anunciado nunca se realizou, porque a tal companhia, (constituida de 3 figurantes, marido, mulher e um filho), tratou de se «pôr ao fresco», sem nos dar tempo de apreciar os seus trabalhos animados, sem duvida, por uma verdadeira tragedia: «Fome, Miseria & C.ª!...»

ONDE VIVE a mais linda mulher de Portugal?

EUROMILHÕES SORTEIO: 073/2024
CHAVE: 6-29-46-47-48 + 2-9
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Sub-21 vencem e ficam perto do Euro2025

Paulo Bernardo (50') e Carlos Borges (89') marcaram os golos do triunfo da seleção Sub-21 na Croácia (2-0), no oitavo encontro da fase de apuramento para o Euro2025. Portugal ficou assim a um ponto da fase final da competição, com dois encontros por disputar no Grupo G: Ilhas Faroé (11 de outubro, em Klaksvik) e Andorra (15 de outubro, em Andorra-a Velha).

FPF

Volkswagen rescinde garantia para não despedir

ALEMANHA Fabricante automóvel considera o fecho de fábricas. Será a primeira vez desde 1988 e algo inédito no país de origem.

O grupo automóvel Volkswagen rescindiu vários acordos coletivos de trabalho na Alemanha, incluindo uma garantia que protegia os trabalhadores contra o despedimento por motivos da empresa até 2029. De acordo com a imprensa alemã, a empresa notificou na terça-feira o sindicato IG Metall da rescisão do acordo coletivo de garantia de emprego, renovado desde 1994 e que excluía os despedimentos por motivos operacionais.

Este acordo expira no final do ano e os despedimentos serão assim possíveis a partir de julho de 2025, se o sindicato e a empresa não chegarem a um acordo antes dessa data.

Outros acordos, como a garantia de contratação de estagiários profissionais e as regras relativas ao trabalho temporário, também serão rescindidos no final do ano, com o objetivo de renegociar, entre outras coisas, os salários dos trabalhadores e dos gestores.

"Temos de colocar a Volkswagen em condições de reduzir os custos na Alemanha para um nível competitivo, de modo a podermos investir em novas tecnologias e novos produtos com a nossa própria força", declarou o diretor dos recursos humanos, Gunnar Kilian. Já a comissão de trabalhadores disse que se vai defender "ferozmente contra este ataque histórico" aos seus postos de trabalho, segundo o diário alemão *Der Spiegel*.

Com esta medida, o grupo automóvel dá mais um passo no sentido de endurecer o seu programa de redução de custos, em pelo menos 10 mil milhões de euros até 2026.

A Volkswagen está mesmo a considerar o fecho de fábricas e despedimentos na Alemanha, como parte do plano de redução de custos, para fazer face a uma "situação extremamente tensa".

Segundo uma nota do presidente executivo do grupo, Oliver Blume, citada pela AFP, na semana passada, a Alemanha "está a perder cada vez mais terreno em termos de competitividade" e "o encerramento de fábricas nos locais de produção de veículos e componentes já não pode ser excluído".

A concretizar-se, a decisão de fechar uma fábrica seria a primeira desde 1988, quando a empresa fechou a fábrica em Westmoreland, nos Estados Unidos. Já na Alemanha, a Volkswagen nunca fechou uma fábrica nos seus 87 anos de história. **DN/LUSA**

BREVES

Bolsonaro com direito a ser indemnizado

O Estado brasileiro terá de indemnizar Jair Bolsonaro em 15 mil Reais (cerca de 2400 euros), após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter acusado o seu antecessor de levar móveis do Palácio da Alvorada antes de entregar o poder, segundo uma decisão divulgada ontem.
Um juiz federal condenou a Federação Brasileira a "indemnizar os demandantes [Jair e Michelle Bolsonaro] pelo dano moral sofrido", segundo se pode ler na sentença, citada na AFP. A Presidência da República deverá ainda publicar nos seus canais oficiais uma "retratação" das declarações de Lula da Silva, ordena também o tribunal.

Contribuição extra sobre AL revogada

O diploma que revoga a contribuição extraordinária sobre o alojamento local e a fixação do coeficiente de vetustez destes imóveis, e introduz medidas em sede de IRS para facilitar a mobilidade geográfica, entrou hoje em vigor. O decreto-lei 57/2024 contempla a revogação de "medidas penalizadoras do alojamento local, entre as quais se destaca a contribuição extraordinária sobre o alojamento local" e "outras normas desproporcionais, criadas no âmbito do programa Mais Habitação", aprovado pelo anterior Governo. "Tais medidas restritivas limitam os direitos de propriedade, bem como a iniciativa económica privada", lê-se.

Sobe & desce

POR **FILIPE ALVES**

TAYLOR SWIFT
A cantora está a ser fortemente criticada nas redes sociais e em alguma imprensa internacional (por exemplo, Arwa Mahdawi no *The Guardian*), por ser amiga de uma apoiante de Trump. Swift, que apoiou Biden em 2020, não cede à pressão. Muita gente não sabe o que significa tolerância.

RITA ALARCÃO JÚDICE
A ministra da Justiça quebrou ontem o silêncio sobre o sucedido em Vale de Judeus. Tudo indica que, além de anos de desinvestimento, pelo qual não pode ser responsabilizada, houve negligência grosseira ou mesmo algo mais grave. A ministra devia, no entanto, ter falado mais cedo, dado o alarme social.

ANDRÉ VENTURA
Numa altura em que Governo e PS tentam chegar a um entendimento que permita a viabilização do Orçamento do Estado, o líder do Chega defende que caso não haja acordo o país deve ir novamente a eleições. É caso para perguntar, tirando o Chega, quem mais beneficiaria com isso?

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção** Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt